A PHILOSOPHIA

CONFORME

A MENTE DE S. THOMAZ DE AQUINO

EXPOSTA

POR

Antonio Rosmini

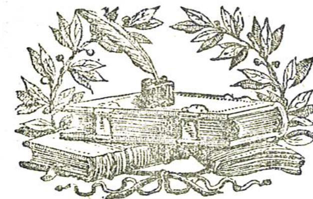
EM HARMONIA COM

A SCIENCIA E COM A RELIGIÃO

PARTE PRIMEIRA

O

Principio Supremo Philosophico
e o seu systema



RIO DE JANEIRO
Imprensa Industrial — de João Paulo Ferreira Dias
75 — Rua da Ajuda — 75
1880

PROPRIEDADE

Á

SUA MAGESTADE IMPERIAL

O SENHOR

Dom Pedro II

Imperador e Defensor Perpetuo

DO BRAZIL

Senhor

A Theoria philosophica de Antonio Rosmini, conhecida por VOSSA MAGESTADE IMPERIAL desde a mocidade, que lhe foi indicada pelo immortal Manzoni como primor philosophico, por ter prevenido o progresso de cincoenta annos; já naquella época estava submettida á uma discussão intransigente, que nada deixou intentado para derribal-a, mas de balde; na lucta não desmentio a sua rectidão, não mudando syllaba do seu Principio e do seu Systema, antes tornou-se mais saliente, como é proprio da Verdade.

A Theoria Rosminiana conformando-se em tudo com a Mente do maior Philosopho da Idéa christã S. Thomaz de Aquino, acha-se na altura de aptidão e perfeição para expôr a Philosophia conforme ás exigencias sociaes em harmonia com a Sciencia e com a Religião, e por conseguinte com o verdadeiro progresso.

Reproduzindo em poucas palavras aquella Doutrina, releve-me VOSSA MAGESTADE IMPERIAL a ousadia de offerecel-a, e de novo chamar para Ella a esclarecida ponderação de VOSSA MAGESTADE IMPERIAL, para encetar a Philosophia Nacional adequada á indole e ás aspirações da Sociedade Brazileira.

Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1880.

Gregorio Lipparoni

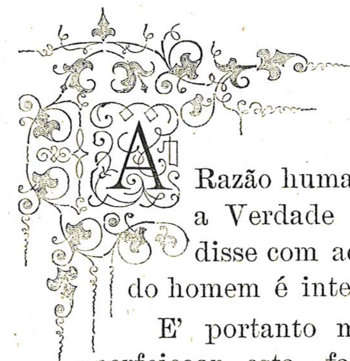
PARTE PRIMEIRA

O

PRINCIPIO SUPREMO PHILOSOPHICO

E O SEU SYSTEMA

> “ La Filosofia non c'è data per garrire di quello che è negato all'uomo sapere, ma per intendere il vero e il degno di quel che dee l'uomo nella vita operare... Deve la Filosofia per essere utile al genere umano, ergere il caduto, sostenere il debole, non forzare la natura di lui, ne l'abbandonare, nella sua corruzione . . . ”.
>
> Vico. *Principii di Scienza Nuova.*



A Razão humana foi creada para conhecer a Verdade e para amal-a ; por isso disse com acerto Aristoteles, que a vida do homem é intelligencia e acção.

E' portanto manifesta a necessidade de aperfeiçoar esta faculdade com todo esmero para garantir ao homem a dignidade, em que o constituio o seu benefico creador, e o fim á que o predestinou.

Os tempos e as circumstancias fazem encarar esta necessidade, despertão a attenção publica, e excitão a coragem dos homens de bôa vontade para esclarecer o conhecimento da Verdade e lidar em promover o exercicio da Virtude.

Não ha quem ignore que á Philosophia pertence este sublime sacerdocio da natureza e da sciencia. Desde a mais remota antiguidade a Philosophia se occupou na investigação das razões ultimas das cou-

sas, e no estabelecimento dos principios inabalaveis de todas as sciencias.

E' proprio da Philosophia, diz Cicero, activar, desenvolver e aperfeiçoar os instinctos, as faculdades e as potencias todas da alma, e quasi metamorphosear a natureza humana e sublimal-a ao cume da perfeição.

A Philosophia é a luz da vida, a creadora da virtude, a destruidora dos vicios, a mestra dos costumes; nada maior que a Philosophia, ou mais sublime na ordem racional, póde ser promettido ou proposto ao homem. Um dia só, diz o mesmo Arpinate, despendido no estudo da Philosophia tem mais valor para o homem sabio do que as honras do vaidoso, ou as riquezas do avarento colligidas em todo curso de sua vida. A Philosophia em fim é o principio e o termo de todo o saber ; sem ella não ha lingua, não ha litteratura, não ha nacionalidade, ou cousa alguma que possa sobreviver ao tempo !

A Philosophia, ordenando e dirigindo as acções que pratica a vontade livre do homem, se torna a sciencia essencial e fundamental da Razão, como o primeiro elemento da alta educação intellectual e moral, e ao mesmo tempo o meio mais energico e proprio do progresso, e a fórma bellissima do aperfeiçoamento social. A Philosophia, para dizer tudo em poucas palavras, é o fastigio da Pedagogia e a base solida de toda a Sabedoria.

Se os cultores da Philosophia algumas vezes seguindo os dictames de uma educação falsa, ou arrastados pela intemperança de uma razão sem freio e escrava de preconceitos, se constituirão mestres de erros e de falsas doutrinas, isto não póde nem deve dar motivo ao timido pensar de alguns, que assombrão-se em ouvir os elogios da Philosophia, e logo

a impugnão como perigosa e hostil aos interesses da sociedade e da religião.

Ha tambem quem julgue a Philosophia uma sciencia vã e desnecessaria ; mas aquelle que assim pensa dá uma triste prova de evidente irreflexão... A Sociedade precisa da Philosophia como de um meio essencial para melhorar o homem e fazel-o feliz ; e a Religião aconselha o estudo da Philosophia para combater o sophisma e o erro, e para preparar o espirito humano aos influxos beneficos da Revelação.

A Religião é a salvaguarda da mesma Philosophia, para que não se desvie da vereda da Verdade sem cessar de estimulal-a a progredir e aperfeiçoar-se. Pensar diversamente é pôr-se em opposição directa com a razão e com a justiça.

Nem os abusos tem valor para hostilisar a Philosophia, porque quem quizesse guiar-se por essas normas, deveria eliminar da sociedade todas as outras instituições, que comquanto uteis e santas, nenhuma ha, de que não possa abusar a maldade, ou a imbecilidade humana ! Mas ha misantropos, que desejão com pretextos ridiculos embrutecer o homem e inutilisar a Razão, que é o dom mais bello de que Deus enriqueceo o homem, primor de sua Sabedoria creadora.

Se distinga entretanto a sciencia, dos que a professão : se use com estes de tolerancia emquanto fôr possivel, sem prejuizo da Verdade e da Virtude ; se professe aquella conforme as normas da recta razão e da fé, eliminando quanto houver de erroneo e de falso ; e desta maneira a Philosophia cumprirá com os seus deveres, e a Sociedade desfructará as vantagens do seu ensino.

Mas mui difficil é guiar-se com segurança na pesquisa da Verdade, e acompanhar com sisudez as operações da Razão, que quanto mais eleva-se a ordem

da reflexão, tanto mais póde ser accommettida pelo engano e pelo erro. Faz-se portanto mister de uma norma bem certa e constante, isto é, de um Systema que nunca desampare, ou illuda a mente indagadora do philosopho; e mostrando-lhe a Verdade, lhe dê a certeza, e engendre a persuasão.

Um Systema Philosophico deste quilate e alcance, deve: em primeiro lugar estabelecer-se em um principio unico e supremo apresentado por um facto o mais simples, obvio e commum: em segundo lugar este principio unico deve possuir a virtude de estender-se á universalidade mais ampla, até á possibilidade. Depois este principio unico e universal nunca deve fraquear, confundir-se, ou contradizer-se.

Este principio supremo philosophico deve fazer conhecer todas as cousas que não envolvem contradicção; deve resolver todas as questões; deve ser criterio de verdade, de certeza, de persuasão; deve fixar o supremo principio da moral; deve achar e pôr em ordem logica uma escolhida serie de verdades principaes para coadjuvar e desenvolver o mesmo principio supremo, considerado e applicado variamente, e assim organisar e apresentar um Systema Philosophico simples, universal e verdadeiro.

Uma dilatada experiencia, fecunda de luctuosos resultados, tem mostrado evidentemente que todos os esforços da philosophia moderna não puderão dar um systema verdadeiro, mas somente promessas illusorias, e as mais elaboradas theorias; ou arremessarão a razão ao abysmo da contradicção e da negação, ou resolverão-se em fantasmagorias, dando em resultado o materialismo, o racionalismo, o pantheismo idealista trascendental, o aniquilamento em fim da Razão e de Deus!...

E começando pela França, depois de ter renegado

toda a sabedoria antiga e ter aniquilado a Escolastica, ella encetou a sua philosophia com a *duvida*. Seguio-se um periodo de degradação sensualista, funesto á sociedade e á religião. Com grande e penoso esforço a tirou deste lodaçal o Eclectismo, que exposto com um estylo encantador se tornou popular; mas o Eclectismo não é um Systema Philosophico, é somente uma brilhante pintura.

As sciencias philosophicas devem muito mais á Escocia quer por ter aperfeiçoado a fórma scientifica, quer por ter salvado muitas verdades, pondo um paradeiro ao idealismo e ao scepticismo, que horrivelmente grassavão em toda a Inglaterra. Dous grandes varões em modo especial se distinguirão; mas os seus systemas, comquanto bellamente ordenados, não corresponderão ao fim desejado, porque ou aniquilão a razão, ou ligão-se com o materialismo.

A' Allemanha estava reservado levar mais alto o seu renome philosophico... mas apenas ouve-se agora um pequeno estampido de sua primeira promulgação estrondosa, e um languido clarão daquella luz fascinadora.

Um grande Genio philosophico com as suas fórmas primitivas compoz um systema que chamou *Criticismo da Razão*, e o revestio de fórma peregrina. Mediante a reflexão trascendental este systema foi collocado em uma região inaccessivel ao commum dos engenhos humanos, e cercado de uma luz vaporosa que o subtrahe á observação. A quanto acabo de apontar deve em grande parte a Philosophia Allemã a duração do seu prestigio, devendo-a tambem a uma escolhida successão de talentos extraordinarios, que souberão conservar em sua altura a fórma dialectica transcendental propria daquella Escola.

Ninguem póde negar o grande progresso que fez a sciencia philosophica por obra da Escola Allemã; estendeu as suas regiões, e abrio novos caminhos, até então desconhecidos, e os percorreu com uma dialectica a mais apurada...

Mas se grande foi o progresso scientifico, maior ainda foi o abuso que delle fizerão em sua applicação pratica. Tudo foi reduzido á Idéa, e tudo submettido á critica da razão; e desta maneira tudo foi destruido, até a mesma razão, e o mesmo Deus!... Passou a Philosophia Allemã de abysmo em abysmo, do criticismo da razão ao idealismo trascendental, e com a theoria da identidade absoluta ao pantheismo idealista.

Parece que a Providencia tivesse reservado á Patria de Pythagoras, de S. Thomaz, de S. Boaventura e de Vico a gloria de dar afinal o verdadeiro Systema Philosophico, que unindo o saber antigo ao moderno satisfaz completamente á todas as condições estabelecidas. Coube esta gloria ao immortal Antonio Rosmini.

Se o estudo da verdadeira Philosophia foi sempre necessario e util á sociedade, agora mais sel-o-ha, que a immoderada discussão, não sempre philosophica, tenta abalar as crenças e as convicções religiosas e sociaes. E' necessario o estudo profundo e completo da Philosophia de S. Thomaz de Aquino, unica e verdadeira, para dar gravidade, precisão e reflexão, á sociedade.

E' necessario o estudo desta Philosophia para fixar na intelligencia e no coração da mocidade aquellas grandes verdades que são, como diz Consin, o patrimonio mais esplendido do Espirito humano, Deus, a Alma, a Immortalidade, a distincção do Bem e do Mal, a ordem Moral, a ordem Social, a

Liberdade... Em summa todas as grandes Verdades que forão professadas pelos grandes Genios de todos os seculos, que enobrecem a dignidade humana, a aperfeiçoão e a satisfazem...

O Summo Pontifice Leão XIII, (digno emulo do seu predecessor Leão XII cujo Pontificado, ainda que breve, tanto se illustrou com a memoranda Bulla " *Quod Divina Sapientia,* " que fixou esplendidamente a reforma dos Estudos,) com a sua Encyclica á todo o Episcopado Catholico do Orbe em data de 4 de Agosto do anno findo, 1879, e com a sua Carta de 15 de Outubro do mesmo anno ao Cardeal de Luca, illustra e exalta o estudo da Philosophia, e mui sabiamente traça a vereda que nelle se deve trilhar, conformando-se com a mente de S. Thomaz de Aquino.

Com este estupendo documento o Sabio Pontifice justifica os elogios, que as nações mais cultas do Orbe tributão á sua esclarecida intelligencia, que o torna prudente, e energico, providencialmente proprio dos tempos que correm; e fica assim sempre averiguada aquella sentença que a "Igreja Catholica emquanto parece occupar-se somente da saude das almas, nunca esquece-se de promover tambem, com todo empenho, a prosperidade social."

Esta Encyclica deve ser conhecida por todos os fieis, estudada por todos os sabios, e deve ser meditada, favorecida e adoptada por todos os Governos para desenvolver seriamente as sciencias, aperfeiçoal-as e erguer a Sociedade ao seu verdadeiro fastigio.

A Nação Brazileira é a que melhor poderia satisfazer aos desejos desta Encyclica, e que della poderia tirar maior proveito, quer por ter um Soberano que anhela a Sciencia com uma dedicação superior

á qualquer elogio, quer por possuir maior somma de meios idoneos para sobresahir-se neste nobre empenho, quer finalmente porque outro qualquer systema philosophico não tem caracter determinado, nem nomeada, nem principios, nem cultores concordes no paiz. Além disto o Brazil possue talentos sobre-eminentes em grande escala para desenvolver estes estudos.

Observo em fim que a Encyclica de Leão XIII aconselhando a fazer reflectidos e dilatados estudos nas obras de S. Thomaz, não somente é uma esplendida defeza do Systema Rosminiano, resultado monumental destes estudos, mas ainda é a fiel exposição de sobre-eminente autoridade da mente do seu Autor, que expondo as doutrinas de S. Thomaz em suas ultimas conclusões, o desenvolveu sob a inspiração, os conselhos, os estimulos e os louvores de cinco Pontifices, com que soube harmonizar a Sciencia com a Religião, e uma e outra tanto illustrar com a sua virtude e com o seu saber.

O doutissimo Autor do Systema Philosophico que apresento, não somente expondo a Philosophia de S. Thomaz recebeu a inspiração do Pontificado, mas ainda, como piissimo, submetteu cada uma de suas producções scientificas ao juizo da Igreja, como Mestra de Verdade. Seguindo eu o mesmo exemplo, declaro explicitamente, que reproduzindo o Systema Rosminiano, e expondo o mesmo, debaixo de qualquer aspecto, entendo como filho respeitoso e obediente em tudo conformar-me com a doutrina da Igreja, e com a Mente do Summo Pontifice, como ensina-me a Fé, e

" La riverenza delle somme Chiavi ".

Dante

A VERDADE

PRINCIPIO SUPREMO PHILOSOPHICO

E

SEU SYSTEMA

PHILOSOPHIA GERAL

A Philosophia é a Sciencia das razões ultimas. As razões ultimas são as respostas satisfactorias que o homem dá aos ultimos *porques*, com que a sua mente interroga a si mesma.

Ha duas classes de razões ultimas: as razões ultimas de todo o saber, e as razões ultimas de alguma parte especial do saber. As razões ultimas de todo o saber são as verdadeiras razões ultimas e constituem a Philosophia geral. As razões ultimas de certas partes determinadas não são ultimas senão em relação ás partes determinadas do saber, e constituem a Philosophia especial; como a Philosophia do direito, da historia, etc.

O homem, que se propõe investigar as razões ultimas e satisfazer aos *porques*, interrogações espontaneas de sua mente, deve em primeiro lugar rever o estado dos seus conhecimentos e das suas persuasões, e depois occupar-se em tornal-as completas

de maneira que satisfação á necessidade da intelligencia, a qual não descança até que não tenha dado á si mesma a razão daquillo que sabe, e razão tão evidente que não precise de outra, mas seja aquella, em que a mente encontre a sua quietação.

Este socego da mente, em que fallamos, é um repouso scientifico, que se alcança depois de ter respondido satisfactoriamente ás exigencias da mente indagadora. Não se deve porém crer que a mente dirija sempre á si mesma semelhantes interrogações. Ha muitos homens que ou não fazem estas interrogações á si mesmos, ou apenas algumas, e não todas que poderiam fazer.

A mente, que a si se não interroga, está tranquilla, ou socega logo que achou a resposta satisfactoria ao limitado numero das interrogações que fez, comquanto não tenha chegado ás razões ultimas de que não precisa para ter quietação. Por isso não é necessario a sciencia das razões ultimas, isto é, a Philosophia para tranquillizar a mente da maior parte dos homens, que se contentão com um conhecimento limitado. Este conhecimento embora ainda não philosophico póde ser verdadeiro e certo, e por conseguinte apto para produzir no homem uma persuasão racional.

Mas dado que um homem se ache na posse de persuasões firmes e certas sem ainda sentir a necessidade de investigar as razões ultimas dellas, póde em seguida levantar-se em sua mente a interrogação das razões ultimas ou *porques*; achar-se-ha elle então inquieto, ou em estado de incerteza até que encontre as desejadas respostas.

Si distinga o descanço da mente daquelle do espirito; á primeira pertence o raciocinio, ao segundo a persuasão: o raciocinio tem alguma cousa de necessario, e para assim dizer de fatal; a persuação tem muito de voluntario.

Por isso podem existir na mente persuasões firmissimas, comquanto o homem não saiba dar a razão dellas á si mesmo. As primeiras são tão arbitrarias que não se firmão em razão alguma, e podem ser verdadeiras e erroneas; as segundas, de que o homem não sabe dar á si mesmo a razão, fixão-se n'uma razão solida que elle conhece directa e profundamente, que lhe produz o assentimento, mas que não tem della consciencia, porque não sabe dirigir para ella a sua reflexão, e por isso não sabe exprimil-a e traduzil-a á si mesmo e aos outros, se a respeito della o interrogarem.

Falta por conseguinte alguma cousa á mente para fazer o seu raciocinio, falta-lhe o desenvolvimento da reflexão; comtudo este homem possue a verdade e a firme persuasão da verdade; por isso está tranquillo o seu espirito, e póde tambem estar tranquilla a sua mente, se elle não prestar attenção ás interrogações interiores della, o que neste caso é o mesmo que não lhe dirigisse interrogação alguma.

Mas a mente, como tal, e o raciocinio deste homem considerado como raciocinio, e não quanto á persuasão e quietação do espirito, nem á posse da verdade e da certeza, não satisfaz todavia plenamente á si mesmo, e neste sentido não achou ainda o seu repouso. E' a Philosophia que conduz o homem á este repouso scientifico da mente. Ha por conseguinte um conhecimento popular que póde bastar ás exigencias do homem, e ha um conhecimento philosophico que satisfaz ás exigencias do raciocinio; este segundo é o producto da reflexão desenvovida até ao descobrimento das razões ultimas.

Para chegar a essa descoberta o homem parte

do estado intellectivo em que se acha; e a primeira interrogação que á si mesmo dirige é esta " Eu creio conhecer muitas cousas, mas o que é este conhecimento? Não poderia eu enganar-me? Porque não poderia ser uma illusão tudo aquillo que eu julgo saber? " Esta pergunta conduz o homem a invenção da *Ideologia* e da *Logica*, que são sciencias de intuição, porque têm por objecto as ideas.

I — Sciencias de Intuição

IDEOLOGIA

A Ideologia se propõe investigar a natureza do saber humano, e a Logica demonstrar que é tal a natureza do saber humano que não admitte erro, de modo que todo erro procurar-se-ha fóra da natureza do saber.

Eis o modo como procede a Ideologia. Não se póde conhecer a natureza do saber humano, se não se observa tal qual elle é. Por conseguinte a observação interna que fixa a attenção nos nossos conhecimentos para saber o que em verdade elles são, é o instrumento da Ideologia, e o methodo que deve seguir-se nesta investigação. Se advirta que a observação aqui se usa provisoriamente, não como meio de demonstração, mas como meio para estabelecer aquillo que deve depois ser demonstrado.

São sem numero os conhecimentos humanos, e seria um trabalho immenso querer examinal-os um por um; ainda mais que não se procura em que discrepão entre si, mas em que concordão. Concordão pois em ser todos conhecimentos, e isto é exactamente aquillo que se deve estudar e meditar.

Portanto em primeiro lugar se deve investigar o que têm todos de commum, pois que este elemento commum é exactamente a essencia do conhecimento.

Se vê portanto que o homem adquire os conhecimentos mediante um acto com o qual affirma alguma cousa. Não saberiamos que existe um só ente, se não nos dissessem, ou tivessemos dito comnosco mesmo que este existe. Saber que existe um ente é o mesmo que annunciar a si mesmo que existe. O conhecimento portanto dos entes reaes é uma *affirmação interna*, um juizo. Conhecido isto resta só analysar o juizo e observar a sua constituição intima; e deste modo teremos dado um passo mais adiante na descoberta da natureza do mesmo conhecimento.

Quando o homem diz á si mesmo que existe um dado ente particular e real, não entenderia á si mesmo, se já não soubesse o que é ente, e o que é entidade. A noção portanto da *entidade em geral* deve existir no homem e preceder todos os juizos com que affirma algum ente particular e real. Uma cousa, pois, é conhecer o que é *entidade em geral*, e outra é conhecer um *ente particular*.

Para conhecer o que é entidade não precisa affirmação alguma, mas somente um acto do espirito chamado *intuição*, o qual *acto de conhecer* é diversissimo da maneira de conhecer por *affirmação*, que se exige para conhecer um ente particular e real. Ha, entretanto, dous modos de conhecer, por *intuição* e por *affirmação*, por isso os conhecimentos humanos se dividem em duas grandes classes: *conhecimentos por intuição* e *conhecimentos por affirmação*.

Por conseguinte antes de conhecer um ente particular e real, se deve conhecer o ente em geral. Conhecer o que é ente, é conhecer a *essencia do*

ente. Logo pela intuição se conhece a essencia do ente. E' certo que, se não sempre, ao menos muitas vezes, somos levados por um sentimento a declarar que um ente existe. Assim pelas sensações que em nós produzem somos levados a declarar que existem os corpos externos.

Por um senso intimo tambem somos conduzidos a pronunciar que nós mesmos existimos; de modo que toda affirmação se reduz á esta formula: "*ha um sentimento logo existe um ente.*" Esta formula deve ser bem meditada; com effeito ella presuppõe que no sentimento alcançamos, de alguma maneira, realizada a essencia do ente, que antes conheciamos somente em geral.

Logo dado um espirito que antes conheça simplesmente a essencia do ente, e dado depois que este espirito experimente um sentimento, affirma immediatamente que o ente de que antes conhecia a essencia existe tambem. Portanto o sentimento constitue a *realidade dos entes*. Se advirta que a essencia do ente, que se conhece, não é universal, mas a palavra *universal*, que se lhe acrescenta, exprime somente o modo como se conhece.

Se note tambem que o sujeito dos sentimentos que se mudão é um sentimento elle mesmo, ou um principio sensitivo, que se refere ao sentimento. Os corpos externos pois se percebem emquanto principios activos que modificão o sentimento. Por isso aquillo que se affirma na percepção dos entes reaes, ser um ente, é sempre uma *actividade sentida*.

Conhecer portanto a existencia de um ente real é o mesmo que affirmar uma especie de *identidade* entre a essencia do ente e a actividade que no sentimento se manifesta. Mas esta identidade não é perfeita, porque não se esgota a essencia do ente.

De cada ente se affirma que existe, que é um ente, de cada um se affirma a mesma cousa, em cada um se reconhece a essencia do ente. Reconhecer em cada um a essencia do ente, é o mesmo que dizer que a essencia de cada um é identica á essencia do ente que se conhecia antes.

Logo se deve dizer, que comquanto todos sejão entes diversos, comtudo têm alguma cousa de commum, e esta cousa de commum é a essencia do ente, porque são todos entes. A essencia do ente é pois universal, porque é apta a realizar-se em todos os entes particulares. Esta universalidade não existe em si, é uma realização com os entes reaes.

A essencia do ente tem varios modos de realização, mas nenhum delles esgota a essencia do ente, os gráos e modos como se realiza são limitados. A essencia do ente realiza-se mais ou menos, mas emquanto se realiza existe toda nelle, não totalmente, porque ella é simples e indivisivel, do mesmo modo que a essencia do vinho se acha toda n'uma gotta de vinho, e toda igualmente n'um tonel. Por conseguinte a essencia do ente é identica, as suas realizações muitas e varias. A essencia do ente faz tambem conhecer todas as negações do ente, e a negação de uma cousa é sabida apenas se conhece a cousa que se nega.

A essencia do ente emquanto meio de conhecer chama-se *ser-ideal*; com isto se significa o predicado que esta essencia possue de fazer conhecer as cousas reaes. A observação do facto attesta-nos que a noção da essencia do ente é dada ao nosso espirito antes de qualquer outro conhecimento. Por conseguinte o homem conhece a essencia do ente antes de todos os actos do seu pensamento, portanto esta essencia não é alcançada com os actos do pensamento, mas dada precedentemente pelo Auctor da natureza. Logo a es-

sencia do ente somente póde ser conhecida por si mesma, e não por meio de outra noção. *A essencia é pois por si conhecivel, e é o meio que faz conhecer todas as outras cousas.* Ella é portanto a *Luz da Razão.* E' nesse sentido que se diz ser *innata* a idéa do ente que é *forma* da intelligencia.

Aqui a palavra *forma* significa "aquillo por meio do qual um ente tem um acto seu proprio que o constitue o que é". A essencia do ser se diz *forma* da Alma intelligente; porque dá á Alma aquelle acto pelo qual ella se torna intelligente. A *essencia do ser* torna-se entretanto *forma* do nosso espirito somente com revelar a sua essencia *conhecivel.* O espirito que tem a intuição, e o acto da intuição ficão fóra da essencia. E' por isso que a essencia do ente toma o nome de *objecto*, e ao espirito se dá o nome de *sujeito.* A essencia pois, com fazer-se somente conhecivel ao espirito, o informa e o constitue intelligente.

Mas se note bem que ha duas especies de fórmas; aquella que dá o seu acto primitivo e essencial á um ente, e se confunde com o mesmo acto ficando somente dividido por abstracção; e aquella que é cousa diversa realmente do acto do ente que é informado. Assim a fórma de uma faca que corta é o gume, que não é diverso da mesma faca: a fórma de um ferro em braza é o fogo, cousa diversa do ferro. Ora em nenhum destes sentidos o ente idéal é fórma da intelligencia, mas em uma maneira toda sua propria. A *essencia do ser* se torna fórma do nosso espirito somente com o manifestar se ao mesmo. A essencia pois do ente é simples, inalteravel, immodificavel, não se póde confundir, ou misturar com outra cousa: assim se revela, nem se póde revelar de outra maneira.

Portanto, todo o entender se reduz á intuição das

essencias dos entes, e á pensar o ente, de que se conhece a essencia, n'uma dada maneira realizada com certos limites. A essencia do ente, se disse já, se chama *ser-ideal*, e as suas realizações entes-reaes. Se o *ser-ideal* se considerar em relação ás suas possiveis realizações, chama-se *ente-possivel*; o que não significa a possibilidade da essencia, mas que esta essencia póde ser realizada, se ainda não estiver: tal é por conseguinte uma verdadeira essencia.

O *ente-possivel* considerado em relação com os diversos entes reaes, ou realizaveis torna-se pois a idéa, ou para melhor dizer, o conceito delles, e por isso se diz que são tantos os entes, quantos são os modos, que são sem numero, nos quaes a essencia do ente se póde realizar.

Dada a posse do ente-ideal, se conhece a essencia do ente, porém nada mais, isto é, sem realização. E' sabido que a essencia do ente é o *objecto* de que se tem intuição, e é tambem certo que a mente humana é o *sujeito* que tem a intuição, e que entre a cousa intuitiva, e aquelle que tem a intuição, ha opposição. O objecto pois da mente é por ventura o nada? E' a mesma mente? De certo que não. Logo convem dizer que ha outra maneira de ser, e por isso é força estabelecer que os modos do ser são dous, *ideal* e *real.*

Portanto uma cousa é o conhecimento da essencia do ente, e outra o conhecimento da sua substancia real. Adquire-se aquelle pela *idea*, este pela *affirmação* em virtude do sentimento. Mas o conhecimento da subsistencia de um ente presuppõe o conhecimento da essencia do ente em sua universalidade; sem isto o sentimento é cego, inintelligivel, porque não recebeu a essencia do ente que o faz conhecer; tal é o sentimento nos brutos que não têm a intuição do ente; mas o homem que por natureza tem a in-

tuição da essencia do ente, logo que experimenta os sentimentos, diz " existem entes reaes ".

Para entender como o homem reune estes dous elementos do ente percebido, importa recorrer á unidade do homem, á simplicidade do seu espirito. O sentimento é uma acção do ente, o principio que sabe o que é o ente, é o mesmo que experimenta em si a acção delle, é por isso que o sentimento é uma acção do ente. Emquanto esta acção está separada da noticia do ente, está desconhecida. O homem como ser intelligente e ser sensitivo vê o *ente actuante em si*, e o ente se manifesta ao homem por um lado como *conhecivel*, e por outro como *activo*, produzindo o sentimento.

A actividade pois do ente toda se reduz á sua entidade, nesta se acha como em sua fonte, é o mesmo ente activo; e como se conhece todo o ente, assim nelle se conhece toda a sua actividade; logo tambem o sentimento, que é esta actividade, se conhece no ente, antes que o ente opere; esta actividade se conhece somente em potencia, por isso a actividade potencial é indeterminada, e o *ser-ideal* se diz *ser-ideal-indeterminado*.

Sendo o primeiro conhecimento um juizo como qualquer outro, não obsta para fazer esse juizo, que se suppõe, não conhecer-se ainda os termos, isto é, o *predicado* e o *sujeito*; porque estes termos no nosso caso são o sentimento e a idea. E ainda quando se quizer negar á este facto o nome de juizo, em nada ficaria alterada a theoria já exposta, assentada na observação.

Sim a affirmação interior com que conhecemos a substancia póde-se chamar juizo. E' certo que emquanto os dous elementos da dita affirmação, isto é, *a essencia do ente e a actividade sentida*, se considerarem separados um do outro, não apresentão os dous

elementos necessarios para a formação do juizo, porque um delles existe ainda incognito.

Daqui a objecção, mas esta difficuldade tem cabimento em todo e qualquer juizo. Basta que os termos possão formar um juizo, quando estiverem unidos para tirar toda difficuldade. Entretanto o erro está em suppor que o principio, que une, seja a intelligencia, como acontece na maxima parte dos juizos: mas no caso de que se trata a união dos termos, isto é a essencia do ente e a actividade sentida, é feita *pela nossa natureza*, e reunidos ficão idoneos para serem termos do juizo.

Logo que a natureza une o *sentimento* ao *ente-ideal* mediante a affirmação espontanea, tornou-se elle apto para ser um dos termos do juizo, e póde chamar-se *sujeito*. O sujeito e o predicado não existem antes do juizo que os fórma, e depois de tel-os formado a reflexão os acha no juizo mesmo. Na synthese primitiva póde considerar-se o *sentimento* como *sujeito*, e a *existencia* como *predicado*. Comtudo poder-se-hia dizer tambem o contrario, considerando-se a essencia do ser como *sujeito* e a sua realização como *predicado*, sendo a synthese primitiva um juizo de entidade; nisto está a razão desta convertibilidade.

De tudo que acabamos de dizer fica manifesto o que é a *Razão*, o que é a *Luz da Razão*, a *forma* que faz *intelligente o espirito*, a fórma do conhecer. Fica por conseguinte resolvida a questão da origem das ideas. Ha uma *Idea* primitiva, a do *ser*, com esta formão-se os juizos primitivos, e affirmão-se os seres reaes sentidos, e assim se conhecem. As relações da idea do *ser* com os outros entes reaes são os conceitos ou as ideas especificas dos entes particulares. Sobre estas ideas se exerce a analyse, a reflexão, a abstracção, etc.

LOGICA

A Logica é a sciencia da arte de raciocinar; o escopo do raciocinio é a certeza; e a certeza é uma persuasão firme e conforme á verdade conhecida. Tem a Logica portanto dous encargos; deve defender a existencia da verdade em geral, e dahi a efficacia do raciocino; deve depois ensinar a empregar o raciocinio de maneira que dê ao homem a posse da verdade e a persuasão della; n'uma palavra, que produza nelle a certeza. São estas as duas partes da Logica: a defesa da verdade, e os meios de alcançar a verdade e a certeza.

A verdade é uma qualidade do conhecimento. O conhecimento é verdadeiro, quando aquillo que se conhece, é; logo a verdade se reduz ao *ser* da cousa que se conhece. Logo o *ser* que se conhece é a verdade do conhecimento. Mas a fórma da intelligencia é o *ser*, como ensina a Ideologia. Logo a fórma da intelligencia é a verdade. Logo a primeira verdade é possuida pelo espirito humano por natureza.

Este argumento simplicissimo aniquila os scepticos que negão todas as verdades, e aquelles que admittindo, ou deixando em duvida que exista alguma verdade, negão todavia ao homem a posse de todas. Nem póde ter peso algum a observação do idealista transcendental, isto é, que o saber o que é o *ser* póde ser uma illusão, ou porque pareça uma cousa que não é, ou uma cousa de um modo diverso do que é. Mas nem uma nem outra destas illusões póde dar-se no primeiro conhecimento. O saber simplesmente o que é o *ser*, e o julgar sabel-o é o mesmo. Crer saber o que é o *ser*, é saber o que é *ser*; saber o que é *ser*, é saber a Verdade, porque o *ser* essencialmente é. A illusão portanto na intuição não é possivel. Tal é a natureza dos conceitos simplices, que se têm, ou não, se não se têm, não se póde crer tel-os, pois que com crer tel-os já se têm.

Tambem se não póde dar illusão na primeira noção do *ser*, porque nesta primeira intuição o *ser* é sem modos, isto é, trata-se da essencia pura e simples do mesmo *ser*; portanto as illusões que podem dar-se sobre os modos do *ser* são completamente excluidas; mais ainda são impossiveis na nossa hypothese, porque não póde haver erro se não ha juizo; logo a intuição simples não admitte erro. Ha tambem juizos nos quaes o erro é absolutamente impossivel, como são todos aquelles juizos, que exprimem aquillo somente que a mente conhece com a intuição.

Quando aquillo que se encerra na idea se annuncia em fórma de juizo, e se exprime n'uma proposição, então a idea expressa por esta fórma assume o nome de *Principio*. A idea é sempre universal, é neste sentido que ella póde ser realizada mais vezes. A idea do *ser* póde realizar-se em todos os modos; as ideas genericas em muitos modos; a idea especifica plena que encerra todos os accidentes do ente póde realizar-se em uma maneira somente, mas em muitos individuos. Por isso todas as ideas se dizem universaes.

Os *principios* são juizos universaes que se applicão á muitos casos, mas os principios não sendo senão as ideas de que se tem intuição, são por isso livres de erro como as mesmas ideas. Logo a synthese primitiva com que se affirmão as cousas reaes que o sentimento nos communica, é isenta de erro.

Na percepção de um ente convem distinguir o ente, a affirmação do ente, e a affirmação do modo do ente determinado pelo sentimento. Affirmar o ente é affirmar a essencia de que se tem intuição

na sua realização; se conhece esta essencia com evidencia sem possibilidade de erro, assim é que sem erro se apresenta realizada. O modo pois do ente é determinado pelo sentimento, não pela intelligencia. Tomando unicamente o sentimento por uma realização modal do ser, qualquer que ella seja, o homem não se expõe ao perigo de errar. Logo o juizo que affirma a existencia dos seres é isento de erro.

Será igualmente isento de erro o juizo que affirma o modo determinado dos seres reaes? Se a actividade sentida é o ser realizado, é claro que o modo por que a actividade é sentida é o modo por que o ser é realizado. Neste caso o juizo não póde ser senão verdadeiro. Se se affirma só aquillo que se sente, satisfeita esta condição, tambem se não póde cahir em engano no juizo que se formula sobre o modo do ser percebido.

Ora se é manifesto que ninguem é necessitado a dizer sempre a si mesmo aquillo que sente, é tambem manifesto que ninguem é necessitado a enganar-se. Logo existe no homem a faculdade de affirmar o sentimento tal qual o experimenta; esta é a faculdade natural; mas o homem se serve de outra faculdade para perturbal-a e confundil-a. Excluidos os dous extremos, da verdade necessaria e do erro necessario no juizo que se fórma acerca do modo de *ser*, deduz-se que a percepção dos entes reaes é tambem infallivel.

O erro só póde começar com a *reflexão sobre a percepção*, e tanto maior espaço se abre ao erro, quanto mais elevada e complicada fôr a reflexão. Para regular a reflexão foi precisamente inventada a Logica que conduz á verdade, e indica o modo de conhecer e evitar o erro.— O erro é sempre arbi-

trario; a reflexão não produz por si o erro, mas somente quando lhe fazem dizer o que ella não diz. Quem mente é o proprio homem, que tem a faculdade de affirmar á si mesmo o que a razão lhe não diz; por isso se diz que o erro é voluntario.

A' Logica compete enumerar as causas occasionaes e instigadoras do erro e ensinar a evital-as. São muitos os symptomas do erro, e a parte da Logica que as indica chama-se *Sophistica*. Basta qualquer actividade sentida, para que o espirito intelligente affirme que subsiste um ente real. A actividade sentida e realidade é a mesma cousa; é uma fórma do *ser*, não porém o *ser* que se lhe junta na percepção.

A attenção intellectiva é a força que dirige e applica o nosso entendimento, e tem por caracter o poder de applical-o ao objecto que lhe apraz. Não procede porém casualmente, mas segue certas leis que lhes são impostas, pela natureza do *ser*. E' com certeza a modificação de nós mesmos que estimula a nossa attenção intellectiva a perceber os corpos e a nós mesmos. Não é porém o corpo, que produz a nossa sensação, nem ella é nós mesmos, mas é uma certa actividade de um ente.

A percepção dos entes se faz immediatamente, isto é, com um simples juizo sem raciocinio algum. A nossa reflexão, que sobrevem, resolve a percepção em um raciocinio, que é creado pela mesma reflexão, não já cegamente, mas em plena luz. Logo que o homem se sente modificado affirma a sua existencia. O sentimento por conseguinte move o espirito humano a affirmar não somente o sentimento, mas o *ser* em que existe o sentimento, e a perceber por elle o ente, e ao mesmo tempo o sentimento no ente.

Esta necessidade formulada n'um principio geral

chama-se *principio de substancia*, e póde exprimir-se assim. "Todas as vezes que o sentimento é uma realidade, que não constitue por si só um ente perceptivel, a percepção intellectiva não se limita áquella realidade, mas affirma o ente ao qual pertence aquella realidade." A realidade, que por si só não constitue um ente, chama-se *accidente*. O ente ao qual pertence esta realidade se chama relativamente *substancia* emquanto é o esteio proximo do accidente. O *principio de substancia*, portanto, é a applicação da Idea do ente ás realidades sentidas, que por si somente não são bastantes para formarem um ente perceptivel; mas a percepção é infallivel; logo o principio de substancia é infallivel tambem.

Por conseguinte o principio de substancia é a intuição que temos da essencia do ente applicada ás realidades. Nós podemos affirmal-a, dadas certas realidades *substancias*; não podemos affirmal-a dadas outras realidades *accidentes*, senão quando são estas ultimas unidas ás primeiras. A isto somos guiados pela mesma essencia do ente, que não póde ser realizado nas segundas sem as primeiras. A condição portanto da *percepção* é que não póde affirmar no sentimento senão um ente.

A reflexão tem outras condições tambem que tende a averiguar: e uma entre estas é o *principio de causa*. Quando começa uma realidade, que antes não existia, a reflexão do nosso espirito diz immediatamente que deve existir uma *causa*, que produz aquelle ente que relativamente se chama *effeito*. Conhecer pois que um ente teve uma causa nada mais é que reconhecer que esse ente, a sua essencia, recebe d'outro a subsistencia, que em si mesmo não tinha. Receber a existencia por outro ente e não por si proprio, é o mesmo que ter uma causa.

Portanto o principio de causa é a applicação da idea do *ser* á um ente percebido; e assim é evidente que a essencia do ente percebido recebe de outro a subsistencia que não tem em si. Logo o principio de causa é por si infallivel, porque o objecto da percepção é isento de erro; e a essencia do ente com que o compara é a mesma verdade.

Com o *principio de causa* o homem percorre a serie das *causas segundas*, mas achando-as todas contingentes não póde fixar-se nellas; a sua reflexão não descança emquanto não chega a uma causa primeira, em cuja essencia se ache comprehendido o *subsistir*: esta Causa é Deus.

Esta successão de operações, com que o homem por instincto racional irresistivel chega á Deus, chama-se *principio de integração*. Por isto foi admittida a existencia de Deus em todos os tempos por todos os povos do mundo. E' ainda a reflexão guiada por outros principios; mas toda sua operação reduz-se ao confronto de um objecto conhecido com o *ser-ideal* para ver quanto e de que modo participa da essencia do *ser*, e quanto della falta.

Demonstrada por esta fórma a efficacia do raciocinio humano, deve a Logica ensinar a arte de evitar os erros afim de que o raciocinio possa alcançar o escopo que se propõe. Se evitarão os erros, se o espirito nada affirmar gratuitamente, e a faculdade da persuasão fôr guiada pela razão. A isto tendem as quatro regras do methodo de Descartes.

O fim que se pretende alcançar com o raciocinio é triplice: 1.º Demonstrar a verdade; 2.º Achar novas verdades; 3.º Ensinar a outrem a verdade. Dahi tres methodos, o Demonstrativo, o Inventivo, o Didascalico. Cada um destes tres methodos tem as suas regras especiaes.

O methodo demonstrativo emprega diversas fórmas de argumentação, as quaes todas se reduzem á Syllogismo. O artificio do syllogismo consiste em fazer ver que a proposição que se quer demonstrar se acha já contida na outra, ou evidente, ou implicitamente.

Compõe-se o syllogismo de tres partes ou proposições, a ultima destas partes chama-se conclusão ou these, as duas precedentes premissas. Uma das premissas contém implicitamente a these, e a outra prova que realmente essa a contém. A proposição, que se quizer demonstrar achar-se contida na outra, deve ter identico com esta, ou o sujeito, ou o predicado. Se o sujeito é identico nas duas proposições, basta demonstrar que o predicado da these está encerrado no predicado da proposição de que se trata. Se é identico o predicado, basta demonstrar que o sujeito da these está contido no sujeito da proposição em discurso.

Para demonstrar que o predicado, ou sujeito da these está contido no predicado, ou no sujeito da proposição de que se falla; se toma um conceito, que se chama *termo médio*, e se mostra que este identifica-se com um e outro predicado, ou com um e outro sujeito. Com o que fica demonstrado que os dous predicados se identificão, pelo principio; que duas ou mais cousas iguaes á uma terceira, são iguaes entre si.

Para saber se um Syllogismo é efficaz, se póde examinar com esta regra geral.—O termo médio deve ser de uma comprehensão, pelo menos, igual á do predicado, e de uma extensão, pelo menos, igual á do sujeito da these.—As premissas devem ser certas, para que a conclusão seja necessaria, e possa haver demonstração. Se forem somente provaveis, provavel

será tambem a conclusão, se hypotheticas, tal será tambem a conclusão.

A doutrina da probabilidade é importantissima e multiplice. O methodo inquisitivo da verdade ensina a maneira de alcançal-a nas diversas fontes que estão em poder do homem, que se reduzem summariamente a tres: 1.º A autoridade e a tradição; 2.º A observação e a experiencia; 3.º O raciocinio: cada uma destas fontes se subdivide em muitas outras.

O methodo didascalico é *geral* ou *particular*; geral, se encerra os principios geraes que dirigem aquelles que querem communicar á outrem a verdade; particular, se contém as regras particulares para ensinar as sciencias especiaes.

Cada um destes tres methodos tem um principio supremo que o dirige. O principio do methodo demonstrativo é: " Dada uma proposição certa, certa é tambem a que se acha implicitamente contida nella. " O principio do methodo inventivo é: " A idea do *ser*, que é a *Luz da Razão* applicada á novos sentimentos e á noções já recebidas, na fórma requerida, produz no homem novos conhecimentos. " O principio do methodo didascalico é: " As verdades que se quizerem ensinar dispor-se-hão n'uma serie ordenada, de modo que as que procedem, não precisem, para serem entendidas, das que seguem-se ".

II — Sciencias de Percepção

A Ideologia e a Logica foram chamadas *sciencias de intuição*, porque tratão do meio de conhecer, isto é, do *ser-ideal* de que temos *intuição*. O homem achando-se de posse do meio de conhecer os entes,

faz-se mister que o applique aos entes diversos, e procure as suas razões ultimas. A primeira applicação deste meio é a *precepção* que lhe subministra a materia para a reflexão. Os entes que o homem póde perceber são todos aquelles, e somente aquelles, que estão ao alcance do seu sentimento, onde elle acha a realidade, a saber, elle mesmo e o mundo exterior. Portanto as sciencias Philosophicas de percepção são a *Psycologia* e a *Cosmologia*

PSYCOLOGIA

A Psycologia é a doutrina da Alma humana. Tres cousas faz a Psycologia: 1.º Define qual é a essencia da Alma; 2.º Descreve o seu desenvolvimento; 3.º Descorre sobre os destinos da mesma.

A essencia da alma se conhece por via de percepção. Se a Alma não se *sentisse* não se poderia *perceber*; mas é um facto primitivo do qual parte o raciocinio da Alma, que todos sentem e percebem. Os mesmos corpos não serião percebidos pelo sentimento, se primeiramente não fossem sentidos pela Alma. Mas entre o sentimento dos corpos, e aquelle que tem cada um da propria Alma, ha uma grande differença. Os corpos são sentidos pela Alma, e a Alma sente-se a si mesma e por si mesma.

A Alma humana por conseguinte é por sua essencia sentimento, e é principio do sentir inherente ao sentimento. A Alma humana não sente unicamente, percebe tambem intellectivamente a si mesma, e percebe os corpos sentidos. A Alma humana é por conseguinte no mesmo tempo um principio sensitivo e intellectivo.

Este principio sensitivo, quando annuncia a si mesmo, emprega o vocabulo *Eu*. Este vocabulo ex-

prime a Alma, mas acompanhada de determinadas relações comsigo mesma: a Alma em um estado de desenvolvimento. Querendo portanto formar o conceito puro da Alma, convem meditar aquillo que se contém no *Eu*, e separar aquillo que acrescentarão-lhe as operações da mesma alma. Neste sentido o *Eu* é o Principio e o Sujeito da Psycologia.

Procedendo por esta fórma acha o psycologo, com o auxilio da Ideologia, uma definição mais completa da Alma humana que se póde exprimir assim: " A Alma humana é um sujeito, ou Principio intellectivo e sensitivo, que tem por natureza a intuição do *ser* e um sentimento, cujo termo é extenso, e certas actividades que são uma consequencia da intelligencia e da sensibilidade. " Deduzem-se desta definição as nobillissimas propriedades da Alma:

Primeiro a *Simplicidade*, a qual se prova por isso mesmo que a Alma é um Principio unico isento de espaço; porque o principio que sente, entende tambem, posto que o acto de sentir esteja em opposição ao extenso sentido, e exclua a extensão pela mesma opposição; e porque, emfim, o principio intelligente recebe a fórma da Idea, que é isenta de espaço e de tempo.

Segundo a *Immortalidade*, a qual se prova, primeiramente por ser a Alma o Principio que dá a vida ao corpo, logo é ella mesma vida; e não póde cessar de ser vida se não pelo aniquilamento; portanto não póde morrer por si mesma; logo é por si immortal. Em segundo lugar porque a fórma da alma intelligente é a Idea eterna e immortal. E' verdade que sendo a Alma de natureza contigente poderia ser aniquilada por Deus, mas esta aniquilação repugna aos seus divinos attributos.

Temos dito que a Alma é um principio *intelli-*

gente e sensitivo que tem por natureza a intuição do *ser*, e um sentimento, cujo termo é extenso. O *ser*, de que a alma tem intuição, é indeterminado; por isso se a Alma nada mais tivesse, não poderia ter conhecimento de cousa alguma determinada, nem ter o desenvolvimento por falta de materia.

Mas á isto providenciou o Creador dando á Alma aquelle sentimento, cujo termo é extenso, o espaço e um corpo. Aquelle sentimento experimenta diversas modificações, e assim subministra á Alma a materia primitiva de todas as suas operações intellectuaes, das quaes ella tira todos os seus conhecimentos; dahi o desenvolvimento do saber humano.

Portanto não é o corpo um impedimento para o vôo da Alma, como dizia Platão; é pelo contrario instrumento de desenvolvimento e de aperfeiçoamento. Será porém verdadeiro o dito do Philosopho Grego, se se applicar á corrupção, que entrou na animalidade com a primeira culpa.

O termo do sentimento é duplo, o *espaço* e o *corpo*, o qual é uma força, que se diffunde n'uma parte limitada do espaço. O espaço é simples e illimitavel, mas o corpo é limitado e divisivel. Mediante estas variedades que o corpo experimenta de continuo, se dá uma continua variação de termo do sentimento, e dahi uma multiplicidade immensa de sensações e de percepções. Será pois facil comprehender como póde dar-se á Alma, que é um principio simples, um sentimento extenso, quando se tiver explicado como a alma sente continuamente o seu proprio corpo.

O principio sensitivo sente o seu proprio corpo com uma passividade misturada de muita acção, não somente porque o sentimento é um acto continuo do principio sensitivo, mas porque além disso é um acto tão poderoso que por meio delle a Alma mo-

difica, e move continuamente o proprio corpo: e o seu proprio corpo como inerte soffre esta acção do principio sensitivo, no que consiste a intima união do dito principio com o corpo. Por isto comprehende-se como a Alma sente os corpos externos, que modificão o seu proprio corpo.

Explicado o modo como a alma sente em si alguma cousa extranha á si mesma, isto é, uma actividade, que luta contra a sua propria actividade e a estimula, então será facil explicar as qualidades secundarias dos corpos externos, como as côres, os sabores, os cheiros, etc., visto que estas cousas todas pertencem ao corpo, proprio da Alma, como termo do seu sentir. Não fica outra difficuldade senão a *extensão* dos corpos.

Mas esta questão está tambem resolvida, logo que se considerar: " Que não póde existir extenção continua senão n'um principio simples como termo de seu acto; d'outra maneira não existiria a continuidade das partes; pois a existencia de uma parte acaba nella, e não contém a razão da parte, que lhe está adherente. A razão por conseguinte da continuidade não está em cada uma das partes, mas n'um principio que abrange justamente todas as partes, e este principio é simples.

Proseguindo por este modo ás investigações, chega-se aos seguintes resultados; 1º Que o principio sensitivo tem por primeiro termo a existencia pura; 2º Que tem por segundo termo uma força limitada diffusa no espaço. Este é o corpo, proprio da Alma, séde de todos os seus sentimentos corporeos; 3.º O corpo, proprio da alma, é por ella sentido com um sentimento fundamental; 4º Este corpo é modificado pela acção dos outros corpos exteriores e extranhos á Alma.

Estas modificações chamão-se *sensações externas*,

varias segundo os diversos orgãos do corpo, mas apresentando todas um sentimento extenso, somente em superficie; 5º O proprio corpo, como tambem os corpos exteriores, occupão uma só parte do espaço, e podem mover-se nelle, e estes sentimentos se tornão a medida de outras tantas partes do espaço.

O principio sensitivo com relação ao espaço illimitado não exercita actividade alguma; mas com referencia ao segundo termo, isto é, ao proprio corpo, é activo e passivo. Esta actividade e passividade reciproca é multiplice e dirigida por leis admiraveis. Emquanto passivo, diz-se que o principio sensitivo é dotado da faculdade de *sentir*, emquauto activo, diz-se que é dotado de *instincto*. O primeiro acto do instincto se chama *instincto vital*; suscitado na Alma produz nella uma nova actividade, que se appellida *instincto sensual*.

Mediante estes principios explicão-se os phenomenos physiologicos, pathologicos, e therapeuticos do animal, onde tira a sua origem a medicina. A união do principio animal com o termo corporeo é tão intima que não se percebe o principio sem o termo, nem o termo sem o principio. E comquanto sejão duas cousas oppostas, comtudo formão um ente só animado.

Todavia no termo do animal distinguem-se tres especies de sentimentos; 1.º o *continuo corporeo*; 2.º *movimento interno*, termo do sentimento de exitação; 3.º *continuação harmonica* do dito movimento, termo do sentimento organico. O principio sensitivo póde ser privado das duas ultimas maneiras, mas não da primeira.

O caracter distinctivo do animal é o sentimento organico, que experimenta mudanças essenciaes em relação á sua individualidade, a qual se póde resumir

nestas leis; 1.º "todo o extenso continuo tem um principio só sensitivo do continuo;" 2.º "o principio do continuo permanece unico; mas os principios do sentimento excitado multiplicão-se"; 3.º "o movimento harmonico interno comprehende toda a continuidade, e tem um só principio sensitivo. Mas se os symptomas dos movimentos harmonicos são muitos, muitos são tambem os principios sensitivos, isto é, quantos são os systemas diversos, ainda que todos tenhão a mesma base.

A Alma humana não é somente sensitiva, é tambem intellectiva: como sensitiva tem por termo o *sentido*, emquanto intellectiva tem por termo o *entendido*. O corpo por conseguinte é da Alma racional *sentido-entendido*. Ha portanto uma percepção do proprio corpo, primigenia e immanente, que constitue o nexo entre as duas substancias do composto humano, e explica o reciproco influxo da Alma e do corpo, porquanto qualquer realidade, que tenha natureza de principio, sendo activa por si, conforme certas leis, influe no seu termo.

Como pois o principio intellectivo e o principio sensitivo são um unico principio, não será impossivel concebel-o, se, por simples hypothese, antes se considerarem separados, e depois se suppuzer que o principio sensitivo, indivisivel do seu termo, seja dado a perceber ao principio intellectivo: e se se perguntar o que se seguirá disto, se responderá que o principio intellectivo não poderá perceber o principio sensitivo senão unindo-se estreitamente á elle, isto é, percebendo tudo aquillo que elle sente; porque a mesma natureza do principio sensitivo resulta somente daquillo que sente.

Assim os dous principios se tornão um só sem que se aniquilem as suas actividades, as quaes per-

manecem distinctas, ainda que uma seja subordinada á outra. E se do principio intellectivo, que é o percipiente, se separar a actividade sensitiva, o que acontece, quando o corpo se desorganiza, segue-se a morte do homem, porque o principio sensitivo fica sem termo organizado, que lhe é proprio.

A Psycologia depois de ter tratado da essencia da alma passa a demostrar o movimento e o desenvolvimento da mesma essencia, que communica a sua actividade ás diversas potencias e operações. Chegada a este ponto, ella executa dous trabalhos; um analytico, com o qual deriva da essencia da alma as faculdades, as quaes distingue da sua essencia, as enuncia, e as define ordenadamente; outro synthetico, com o qual collige as leis e os modos constantes de agir das ditas potencias.

São admiraveis as leis com que a alma opera ou immediatamente, ou por meio das suas varias potencias.

A alma é uma, e esta racional: do principio racional em relação com os seus termos emanão todas aquellas faculdades, que se dizem humanas, assim como as leis de sua acção. Algumas destas leis são psycologicas, e derivão da natureza da alma; outras *ontologicas*, que são impostas á Alma pelo ente intellectivo, seu termo superior; outras *cosmologicas*, impostas á Alma pelo mundo sensivel, seu termo inferior.

A suprema lei ontologica é o Principio do conhecimento que se formula assim: " *o termo do pensamento é o ente* ". E' incrivel quanto é fecunda e maravilhosa esta lei nas suas applicações. As leis cosmologicas umas presidem ao movimento, que dá o termo sensivel ao espirito humano; outras determinão a qualidade deste movimento. As primeiras

se chamão *leis de moção*, as segundas *leis de harmonia*. As leis psycologicas em fim se dividem em duas classes, umas correspondem ás ontologicas, outras ás cosmologicas.

Finalmente a Psycologia tenta descobrir o destino da Alma humana; mas não póde realizar esta descoberta somente com o recurso da razão natural, ou com o simples exame da natureza humana. Ella mediante este exame póde somente saber para onde tende a natureza humana, mas fica-lhe desconhecido, o que lhe destina a beneficencia gratuita do Ser-Infinito, que a creou. Resulta pois do exame da natureza humana, que a intelligencia foi creada para a Verdade, e a vontade para a Virtude.

Além disto existe na alma o sentimento, que é uma inclinação ao gozo. A vontade portanto que adhere á verdade, e por isso é virtuosa, ama todos os entes conforme a verdade; deseja outrosim desfructar todos estes entes, porque desta maneira completa o seu conhecimento e o seu amor; ou mais claramente, a Alma humana tende para a Felicidade.

Disto se collige que a Alma tende por sua natureza para a sua perfeição, a qual consiste na plena contemplação da Verdade, e no pleno exercicio da Virtude, no pleno conseguimento da Felicidade. Triplice fim, triplice destino em que todavia se acha uma perfeita unidade. Cada um destes tres bens involve os outros dous, não sendo mais que uma triplice fórma de um só e unico Bem.

Porém como chega o homem á este destino? Aqui emudece a razão humana; perturba se, vacilla, esmorece, e só fazendo um esforço se restaura com uma hypothese consoladora, a da vida futura. Mas a razão humana não fica desamparada nas suas

hesitações. Deus revela ao homem o segredo de sua bondade creadora, assevera-lhe que a theoria, que lhe é inspirada pelo sentimento, e achada pela razão, na meditação da natureza humana, não mente e não engana, e que será cumprida de um modo mais sublime que a mesma theoria.

A hypothese da vida futura converte-se em certeza por meio de um testemunho infallivel. Esta outra vida, que não tem fim, em que o homem não morre mais, tem em si tanta abundancia de bens e de males que ha de corrigir e igualar todas as desigualdades e irregularidades da vida temporal. Mas esta parte do destino do homem não póde ser exhaurida na Psycologia ou na Antropologia natural, mas n'outra Psycologia e Antropologia, que bebe as suas doutrinas nas palavras do proprio Deus.

COSMOLOGIA

Esta sciencia é a doutrina do Mundo. Pertence ás sciencias de percepção, porque os corpos, de que se compõe o mundo, são objectos de percepção. Todavia no grande systema da creação outros seres ha, que se não nos revelão. Taes são os Espiritos puros, os Anjos. A Cosmologia considera o mundo: 1.º no seu todo; 2.º nas suas partes, emquanto se referem ao todo; 3.º na sua ordem. A Cosmologia como doutrina do todo contingente trata; primeiro, da natureza do ser real contingente; segundo, da sua causa.

O *ser-contingente* não tem em si mesmo a razão da propria existencia; exige uma Causa creadora. Dá-nos a prova da creação do mundo a analyse da percepção, a qual mostra que tudo que o sentimento alcança, nós, e o mundo, não poderia ser percebido, se a mente o não visse unido á essencia do ente:

onde está esta essencia que lhe dá o acto do *ser* como quasi emprestado: o crêa.

Na consciencia de nós mesmos, e de cada sensação nossa, ou percepção, existe uma outra prova, que o ente contingente é creado; porque sentimos que subsistimos, mas não sentimos a força que nos faz subsistir; por isso sentimos que não subsistimos por nós mesmos.

A natureza do ente contingente esclarece-se principalmente com a exposição das suas limitações essenciaes.

Do estudo destas limitações seguem-se corollarios muito importantes; um destes é a doutrina acerca da possibilidade do mal. Da doutrina das limitações do universo passa a sciencia á questões mais elevadas.

A segunda parte da Cosmologia distingue as partes do universo: 1.º Espiritos puros; 2.º Almas; 3.º Corpos; e trata de cada uma destas partes consideradas como partes do universo.

Em fim na terceira parte da Cosmologia em que se falla da ordem universal, se expõem as *leis cosmologicas*, isto é universaes, communs a todas as cousas contingentes; e completa-se o tratado acerca da bondade do mundo e dos seus destinos. Mostra isto sufficientemente que se não póde tratar esta sciencia completamente, separando-a da Ontologia, e de modo especial da Theologia.

Com effeito como se póde tratar da natureza do ente contingente e limitado sem ter tratado do Ente necessario e illimitado? Como tratar da maneira como o mundo começou a existir, se não se tratar da natureza de actuar do seu Creador? Como se poderão entender as cousas emquanto são temporarias, sem conhecimento das eternas? Por isso julgamos impossivel fazer da Cosmologia por si só uma sciencia completa;

mas pensamos que ella é uma parte somente de outra sciencia superior, que expõe a doutrina do Ente quer em abstracto e universal, quer no seu acto completo e absoluto.

III — Sciencias de Raciocinio

A *intuição* subministra o meio do raciocinio. A intuição e a percepção subministrão ao raciocionio a sua *materia*. As sciencias de intuição e de percepção são sciencias de observação. Observão aquillo que se apresenta ao espirito, aquillo que acontece no espirito, e aquillo que acontece no corpo, emquanto actua no sentimento. Sobre estas observações volve-se e revolve-se a reflexão seguindo os principios que lhe subministra a luz da razão á que todas as cousas se referem. Descobre novas verdades, e até raciocina sobre a existencia de entes, que se subtrahem á intuição e á percepção.

As sciencias philosophicas de raciocinio dividem-se em duas classes; umas tratão dos entes, como são, e se chamão *Ontotogicas;* outras tratão dos entes, como devem ser, e chamão-se *Deontologicas*.

As Sciencias Ontologicas são duas; a *Ontologia* propriamente dita, e a *Theologia natural*.

ONTOLOGIA

A Ontologia trata do ente em toda sua extensão; isto é, da sua essencia e das suas tres fórmas, *ideal*, *real* e *moral*. A essencia é identica em todas estas tres fórmas, mas as fórmas são mui distinctas entre si e incommunicaveis.

A fórma *ideal* não póde conhecer-se sem a essencia do *ser*, porque é precisamente a *essencia do ser emquanto é comprehensivel*.

A fórma *real* porém se concebe por si mesma, ainda privada da essencia do *ser*, mas não se póde conhecer sem lhe associar a essencia do *ser*, a qual lhe dá aquelle acto que lhe falta.

Assim se explica em parte a origem do ente contingente, e a creação deste ente.

A fórma moral é a relação do ser real comsigo mesmo mediante o ser ideal. Emquanto *ideal* o ente tem a propriedade de ser *luz* e de ser *objecto;* emquanto *real* tem a propriedade de ser *força* e de ser *sentimento* activo e individuo, e portanto *sujeito*.

O sujeito póde ter por termo uma cousa, que não é elle, mas que está fóra delle, este termo se chama *extra-sujeitivo*. Emquanto *moral* tem o ente a propriedade de ser acto, que põe em harmonia o *sujeito* com o *objecto*, e tem virtude aperfeiçoadora mediante a união e a equação do sujeito com o objecto: *beatitude do ente*.

Todos os entes limitados reduzem-se á estas tres classes: entes *ideaes*: entes *reaes*: entes *moraes*: de maneira que as tres fórmas primordiaes do ente, são tambem o fundamento das *categorias*. As Categorias, pois, são classes mais extensas do que todos os generos, e não são generos e muito menos especies; pois o mesmo ente dividido em generos e especies pertence á todas as tres categorias.

Quando se considera o ente em toda a sua extensão, então observa-se que elle tem uma ordem interna admiravel e immudavel; desta ordem extrahe-se, entre outras, a lei da synthese do ente, mediante esta verdade: " o ente não póde existir sob uma das tres fórmas sem existir tambem sob as outras

duas; ainda que ao pensamento humano o ente se apresente sob uma fórma somente como existente de por si e perceptivel de uma maneira distincta ".

A ontologia, além da theoria das tres fórmas primordiaes do ente e da identidade do mesmo nellas, distribue o mesmo ente identico sob as tres fórmas, em *generos*, *especies* e *individuos*, e procura a razão desta distribuição na essencia do mesmo ente. Com esta investigação acha em que modo o ente é susceptivel da limitação; e assim tira a limpo a doutrina acerca da origem do ente limitado; depois deduz as propriedades ontologicas de que deve participar o ente limitado e contingente, afim de que seja possivel.

THEOLOGIA NATURAL

O pensamento humano não comprehende totalmente o ente, como é em si: disto trata a Theologia. A Theologia natural é a sciencia que trata do Ser-absoluto, Deus. O Ente, que é naturalmente objecto da intuição do espirito humano, é illimitado, porque é a essencia mesma do ente, mas não é todavia o Ente-absoluto, porque a intuição não alcança a essencia do ente senão debaixo de uma só das tres fórmas, da *ideal*. O ente que o homem percebe é apenas a realização parcial do ente, realização por si distincta da essencia do ente; e o sentimento, materia da percepção, não é mais que a fórma real do ente, de modo que se a mente quizer percebel-o, é obrigada a compol-o juntamente com a essencia do ente. O ente portanto na sua totalidade e plenitude não é dado naturalmente á experiencia do homem; e o homem não póde saber como elle é, ainda que possa saber que elle é de uma maneira superior á

intelligencia humana. Esta maneira de conhecimento se diz *negativa*. A Theologia natural trata do *Ente Absoluto*, não como é conhecido pelo homem, mas como é em si mesmo.

A Theologia natural demonstra: 1.º a existencia de Deus, de muitos modos; e primeiramente a prova pela essencia *do ente de que tem intuição*; demonstrando que ella não é o nada, mas que é cousa eterna e necessaria. Ora não poderia ser tal, se não subsistisse identica tambem debaixo da fórma de realidade e moralidade. Mas a essencia do ente é infinita, e existe debaixo das tres fórmas, e é o *Ser-Infinito*, Deus.

A segunda demonstração da existencia de Deus é tirada da fórma ideal. Esta fórma ideal é a luz que crea as intelligencias, e esta luz é eterna e *objecto eterno*; logo deve existir uma mente, um *sujeito eterno*. Esta luz é illimitada; logo este sujeito deve ter uma sabedoria infinita, e o seu conhecer não deve ser um acto transeunte, mas nelle tudo deve ser conhecido por si mesmo. Um *sujeito*, que no mesmo tempo existe como *objecto infinito*, tem a maxima *perfeição moral*. Logo este ser absoluto é Deus.

A terceira demonstração da existencia de Deus surge do *ser-real* percebido pelo homem, e é aquella, que temos apontado, com que a mente sóbe do contingente ao necessario, á primeira Causa, á Razão de tudo.

A quarta demonstração deduz-se da *forma moral* conhecida pelo homem; infinita e insuperavel é a autoridade da lei moral, infinito é o valor da virtude e a vileza do vicio. Mas esta força obrigatoria, esta dignidade do bem moral e baixeza do vicio não é um nada; ella é eterna, necessaria,

absoluta; mas nada seria, se não existisse um *Ser-absoluto*; logo existe um *Ser-absoluto*, Deus.

Demonstrada a existencia de Deus, a Theologia natural deve tratar tambem de determinar de que modo o homem sem sahir da sua esphera natural póde conhecer a Deus. Ella demonstra que o homem não póde conhecer a Deus senão pelo raciocinio. Não podendo ter intuição, nem perceber por natureza nesta vida se ha Deus, torna-se necessario o raciocinio para descortinar a sua existencia.

Descobre-se a existencia de Deus, como temos visto, comparando o homem os entes, de que tem intuição, e que percebe com a essencia do ente, observando que estes não a esgotão, e que d'outra parte deveria ser exhaurida e realizada totalmente pela mesma exigencia do ente de que nós temos intuição.

Deste *Ser-absoluto* nada mais podemos saber do que nos mostra a mesma exigencia da essencia do ente, objecto da idea. Este é o limite do conhecimento de Deus que o homem póde ter na ordem natural.

Esta exigencia nos mostra duas cousas. A primeira, que não podem pertencer a Deus nem os defeitos, nem as limitações dos entes que conhecemos. A segunda, que todas as perfeições dos entes que conhecemos devem pertencer á Deus, não já como se achão nos entes limitados, mas de uma maneira muito diversa, ou sem modo. Estes dous modos de conhecer a natureza do *Ser-absoluto* se dizem tambem por *exclusão* e por *integração*.

Conhecidos os modos pelos quaes o nosso pensamento fórma a doutrina acerca de Deus, faz-se mister passar a exposição desta doutrina, a qual considera Deus em si mesmo e com relação ás creaturas, como autor do mundo, completando nesta parte aquillo que se disse das operações divinas exteriores, na Cosmologia.

Deus considerado em si é argumento daquella parte da Theologia natural, que trata da essencia divina, da qual antes se expõem os attributos, depois se examina se a intelligencia humana, desenvolvida e tornada potente pela revelação, póde conhecer que a essencia divina deve ser em tres pessoas; questão que se resolve affirmativamente. Ficando todavia bem firme que a doutrina acerca da Trindade, á que póde chegar a razão, é negativa ideal.

Tratando-se pois de Deus como autor das cousas, raciocina-se de modo especial sobre a relação, que tem o acto creador com o acto da sciencia divina, e com o acto das mesmas creaturas existentes.

Applicando pois ao Creador do universo os attributos, a infinita potencia, a sciencia, e bondade, de que se fallou, se entra na amplissima doutrina da conservação e do governo do universo, como tambem do fim proposto, cujo comprimento não póde falhar. Esta parte da Theologia, que contempla no mundo os traços dos attributos de Deus, isto é, a Providencia, que regula os acontecimentos conforme um eterno desenho, a Potencia que os conduz ao complemento daquelle desenho, sem vincular a liberdade das creaturas intelligentes, e a bondade, a santidade e a beatitude de que *participão* estas naturezas em uma medida maxima entre as possiveis, com exepção dos divinos attributos, que é o escopo final, fórma aquelle tratado especial, que bellamente denomina-se Theodicea.

As sciencias *Deontologicas* são todas aquellas que tratão da perfeição do ente, e do modo de adquirir ou produzir esta perfeição, ou perdel-a.

A *Deontologia* póde ser *geral* ou *especial*.

DEONTOLOGIA GERAL

Os entes podem considerar-se na grande unidade, que formão mediante as suas mutuas relações de perfeição.

Ha tres grandes classes de relações: 1.º relações de perfeição proprias dos entes moraes; 2.º relações de perfeição propria dos entes intelligentes; 3.º relações de perfeição proprias dos entes reaes, quer sejão sensitivos, quer sejão extra-sujeitivos.

As relações de perfeição distribuidas nas tres classes indicadas são immudaveis, se se considerão no *Ser-Supremo*: no ente contingente podem ser mais ou menos realizadas. A sua realização maior ou menor leva comsigo a maior ou menor perfeição dos entes entre, os quaes passão as ditas relações. Por isso no *Ser-Supremo* a perfeição é summa e immudavel; no *ser-contigente* é maior ou menor conforme se verificarem as ditas relações. Se forem plenamente realizadas as relações proprias dos entes reaes, ter-se-ha uma perfeição real; se se *realizarem* as dos entes intelligentes, ter-se-ha uma perfeição intellectual; se as dos entes moraes, uma perfeição moral. Estas relações pois, em cuja realização está a perfeição do *ser*, tem em si mesmas uma exigencia objectiva e sujeitiva. Pela primeira se entende o *ser* em si mesmo; a segunda concebe-se no sujeito particular e real.

A palavra *exigencia* exprime aquella necessidade, que é propria das condições necessarias para alcançar um fim.

Ora ha uma necessidade real ou physica, e é aquella exigencia, que tem as relações proprias dos entes reaes de serem realizadas, afim de que elles alcancem a sua perfeição. Ha uma necessidade intellectual,

e ha uma necessidade moral. Estas são as tres necessidades *Deontologicas*, diversas das necessidades *Ontologicas*; porque as primeiras são exigidas pela perfeição dos entes, as segundas por sua existencia. Em Deus não tem lugar esta distincção, visto que a necessidade Deontologica é Ontologica pela excellencia de sua natureza. Mas sendo a perfeição uma fórma, e como temos visto existem fórmas *objectivas* e *sujeitivas*, ha portanto perfeição *objectiva* e *sujeitiva*. Nos entes moraes dotados de vontade e de affecto racional é *sujeitiva* e *objectiva*; nos outros é conforme á propria essencia.— A doutrina da perfeição dos entes póde dividir-se em tres partes. A primeira descreve o archetypo de todos os entes, isto é, o estado do ente, que tem alcançado a sua summa perfeição; a segunda descreve as acções com que se póde produzir a perfeição dos entes; a terceira descreve os meios com que se póde adquirir a arte das ditas acções. O archetypo do ente, ou a perfeição ideal, é a norma de todas as artes; as acções com as quaes se produzem as perfeições dos entes são comprehendidas em todas as artes mecanicas, liberaes, intellectuaes, moraes; os *meios* que conduzem á estas artes constituem a *educação* especial, isto é, a escola das ditas artes.

Disto póde-se deduzir a extensão immensa da Deontologia geral.

DEONTOLOGIA ESPECIAL

Esta é ainda mais ampla, porque ha uma para cada especie de entes. E não somente para os entes naturaes, mas tambem para os artificiaes. Cada uma das artes-bellas tem a sua sciencia propria; e todas estas sciencias suppõem uma sciencia do *bello* em geral, que se chama *Callologia*, da qual é uma parte especial a Estethica,

que trata *do bello no sensivel.* Mas a Callologia e a Estethica antes pertencem á Deontologia geral.

Deixando porém de classificar todas as sciencias deontologicas especiaes, fallaremos somente da Deontologia humana. O homem, que é um ente real. intellectual, moral, participa dos tres modos do ser; mas visto que a perfeição moral é completiva das outras, e ella somente é perfeição pessoal, por isso a doutrina da perfeição moral é aquella, que resume em si a doutrina da perfeição humana. Esta doutrina apresenta á mente as tres partes, em que temos dito dividir-se a Deontologia geral; 1.º a doutrina do *archetypo* humano, á que todos devem aproximar-se; 2.º a doutrina das *acções* que se aproximão ao archetypo; 3.º a doutrina dos *meios* e dos auxilios, com os quaes o homem é estimulado e ajudado a taes acções. A primeira destas doutrinas se chama *Taletica*, a segunda *Ethica*, a terceira, isto é, a doutrina dos *meios*, se fôr applicada á si mesmo, se diz *Ascetica*, se á outrem *Pedagogia*; se ensinar o modo de applical-o á sociedade familiar *Economia*; se á sociedade civil *Politica*; se á sociedade teocratica do genero humano se diz emfim *Cosmopolitica.*

A *Taletica* é a sciencia, que descreve o homem perfeito como archetypo. Esta sciencia não foi ainda escripta nem tentada, e é cousa que vence e escapa ao pensamento mesmo do homem, e não póde por isso ser alcançada pela Philosophia humana. Mas em lugar deste archetypo descripto em palavras, Deus mesmo poz diante do homem o seu archetypo vivo, que é JESU-CHRISTO, cabeça e Senhor do genero humano.

Ethica. — O homem deve ser bom. A bondade do homem consiste na bondade de sua vontade. A bondade do homem, e não das cousas, se chama

bondade moral; e aquella qualidade da vontade humana, pela qual o homem é bom, se diz *bem moral*, ou *bem honesto.* A Ethica portanto é a sciencia, que trata do *bem honesto.* O philosopho moral faz tres cousas; 1.º analysa o conceito do bem honesto, distinguindo os seus elementos, e reunindo-os todos em uma definição scientifica; 2.º investiga com que actos voluntarios e livres, e com quaes habitos póde o homem conseguil-o; 3.º quão grande seja a excellencia do bem honesto. Dahi a divisão da Ethica em tres partes.

A primeira trata da *natureza do bem honesto*, se chama *Ethica geral*, porque não desce a nenhum daquelles habitos, ou actos nos quaes se transfunde o bem honesto, mas falla daquella condição que todos os actos e todos os habitos devem ter para serem honestos. A segunda trata dos *modos do bem honesto;* e se diz *Ethica especial*, porque o considera nos actos e nos habitos especiaes, que participão do bem honesto. A terceira trata da *excellencia do bem honesto;* e se chama *Eudemonologia da Ethica*, porque se vê a natureza intelligente volitiva, tornada perfeita pelo bem honesto.

ETHICA GERAL

Devendo a primeira parte da Ethica tratar do *bem honesto*, ella então investiga os elementos deste bem, que são tres; 1.º a vontade e a liberdade; 2.º a lei; 3.º a conformidade da vontade e liberdade com a lei.

Tratando da vontade, a Ethica se apropria de uma parte da Antropologia e Psycologia, expondo o poder da vontade sobre as outras potencias do homem, os limites deste poder e da liberdade que possue, e pela qual se torna causa responsavel das acções. Fallando da lei, chama-se Nomologia, e a define primeiramente

em sentido larguissimo, como o *principio da obrigação*. Procura em seguida, qual é a primeira de todas as leis que exprime a *essencia* mesma da obrigação no primeiro acto, em que se manifesta ao homem, sem que este precise procurar disto uma razão ulterior. E pois que a luz da razão e da vontade humana é o *ser*, segue se que a primeira formula da obrigação, evidente por si mesma, é esta " segue a luz da razão " ou " reconhece o ser ". — *conhecer* é o acto da razão, e pertence sempre á *ordem theorica; reconhecer* é o acto correspondente da vontade, e pertence á *ordem pratica*. Mas o *ser* tem uma ordem em si mesmo, onde acontece que certos seres sejão maiores e mais excellentes que outros, e tenhão maior dignidade; e esta ordem é a que deve ser reconhecida pela vontade, onde o principio universal da Ethica se póde exprimir assim: — Reconhece o ser qual é na sua ordem.

O acto do reconhecimento pratico é aquelle, em que nasce a estima proporcionada ao gráo do *ser*, e á estima segue-se uma igual quantidade de amor, e ao amor seguem-se as operações exteriores ordenadas em conformidade daquelle amor, que fazem decente e harmoniosa toda a vida do homem virtuoso. Mas entre todos os seres Deus é absoluto principio e fim de todos elles; logo elle é o fim ultimo da vontade, assim como de todos os actos do homem honesto. Dahi a Religião, como moral ultimada e elevada ao seu ultimo estado de perfeição, no qual cada dever é sagrado, cada virtude torna-se santidade. Logo como todos os seres procedem de Deus por creação, e delle dependem por conservação, assim á elle todos devem referir-se, e com a vontade divina todas as vontades conformar-se.

A vontade divina se torna, tambem, fonte da

legislação positiva manifestada por Deus aos homens. A Ethica indica a differença entre a *lei natural* e a *positiva*, e mostra como o respeito devido á esta procede daquella. Depois dos deveres para com Deus seguem-se os deveres para com as intelligencias creadas, isto é, os deveres que tem todo o homem para com os seus semelhantes, comquanto estes sejão subordinados aos deveres para com Deus; porque os homens sendo intelligentes têm por seu fim e por seu bem uma cousa infinita e divina; onde aquella sentença: " a moral abrange sempre, de alguma maneira, o ser no seu todo".

Desenvolvendo o segundo elemento do bem moral, isto é, a lei, a Ethica ensina tambem o modo de applical-a aos casos especiaes, por isso ha uma *logica especial* sua propria, que trata principalmente da consciencia moral. Seguem-se as regras para applicar as leis ás acções particulares e de modo especial, no caso em que se duvida da lei. Passando pois ao terceiro elemento, isto é, á relação entre a vontade e a lei, a Ethica descreve todos os modos em que esta relação póde variar, e descreve todos os estados bons e maus em que entra a vontade e a liberdade humana, e o mesmo homem mediante taes variações.

ETHICA ESPECIAL

A Ethica especial, tratando dessa segunda parte das fórmas especiaes do bem e do mal moral, começa distinguindo o *acto* e o *habito* com a moralidade relativa. Dahi passa a expor os officios especiaes para com a Divindade e a Humanidade. Quanto diz respeito á estes ultimos, o homem deve respeitar e honrar a natureza humana em si mesmo e nos seus semelhantes; nos individuos e nas sociedades naturaes e artificiaes. Todas as relações sociaes motivão

a existencia de deveres moraes. Trata a Ethica especial em seguida dos *habitos especiaes* e dos vicios. Raciocina tambem sobre os *meios* de fazer o bem e evitar o mal. A' esta parte se dá o nome de Ascetica.

EUDEMONOLOGIA DA ETHICA

Esta terceira parte considera a excellencia do bem moral e a vileza do mal moral; mostra que uma e outra são infinitas. Descreve a dignidade da alma virtuosa, e a degradação da alma prevaricadora. Prova que o homem virtuoso não póde ser infeliz, como não póde ser feliz o homem vicioso. Aviva pois a confiança e a esperança que existe no coração humano, que a Virtude ha de ter premio eterno, e o vicio eterno castigo. E depois de ter o Philosopho, como mestre, guiado o homem seu discipulo até este ponto, o entrega á outro mestre mais sublime, á Revelação.

PHILOSOPHIAS ESPECIAES

PHILOSOPHIA DO DIREITO RACIONAL

Da Ethica procede a amplissima sciencia do Direito Racional. O Direito Racional nasce da protecção que a lei moral dá ao *bem util*, isto é, á todos os bens eudemonologicos de que o homem pode gozar. Nenhum homem póde portanto prejudicar o bem que possue o seu semelhante. Ora o homem que tem este bem protegido pela lei moral se diz que tem um direito; aquelle que o possue adquire a faculdade de podel-o defender contra aquelles, que intentarem lh'o subtrahir ou deteriorar.

A Philosophia do Direito occupa-se pois; 1.º em classificar os bens que podem ser objecto, ou materia do Direito; 2.º determina a protecção da lei moral; 3.º decide os casos duvidosos; 4.º determina a defeza dos direitos; 5.º trata dos damnos e das injurias. As bases da suprema classificação dos direitos são a *Liberdade* e a *Propriedade.*

A Liberdade é o poder que tem todo homem de desfructar todas as suas faculdades, com tanto que não invada a esphera dos direitos dos outros homens. A Propriedade pois é a união dos bens com o homem. Esta união tem por base uma lei psycologica, pela qual póde o homem unir a si cousas

delle distinctas. Esta união se faz por meio de sentimento e por meio de conhecimento; mas esta propriedade não é ainda aquella que constitue o direito. Se porém ao vinculo do sentimento e do conhecimento se acrescenta o vinculo moral, então a propriedade se converte em direito. Este vinculo moral consiste, como temos dito, na protecção que a lei moral concede aos dous primeiros vinculos, impondo aos outros homens a obrigação de respeital-os.

O sujeito dos direitos póde ser o homem *individuo* ou o homem *social*. A Philosophia do Direito entretanto tem duas partes que o são o *direito individual*, e o *direito social*. O direito individual versa sobre tres cousas; 1.º sobre os direitos connaturaes, e sobre os direitos adquiridos; 2.º sobre a transmissão dos direitos e suas modificações; 3.º sobre a alteração dos direitos alheios, e sobre as obrigações e modificações dos direitos reciprocos, que se seguem.

O direito social nasce do individual, porque nasce precisamente do facto da associação; e a faculdade de associar-se honestamente entre si é um direito connatural á todos os individuos humanos. O Direito social é *universal* e *particular*. O Direito social universal considera os direitos e os deveres, que têm origem pelo facto de uma associação qualquer; e este é *interno* entre os membros da sociedade, ou é *externo* entre os individuos, que existem fóra da sociedade.

O direito *interno* divide-se naturalmente em tres partes que tratão, 1.º do direito senhoril; 2.º do direito politico; 3.º do direito communal. Esta divisão applica-se ao direito *social particular*. Ha tres sociedades que são necessarias ao genero humano, e que o organizão. Estas tres sociedades são: a *theocratica* que é natural-divina; a *domestica* que é natural-humana, que se subdivide em *conjugal*, e *parental*; e a *civil*, que é uma sociedade artificial, mas necessaria para o bem da especie humana.

O direito particular destas tres sociedades dá lugar á tres tratados de alta transcendencia.

A theocratica é a *inicial*, enlaça os homens por meio da moral e da religião natural; e a Igreja une, além disto, os homens com os vinculos de uma religião, e de uma moral revelada e sobrenatural. O direito da sociedade domestica é duplo. Aquelle que diz respeito aos conjugues trata da natureza do matrimonio, das suas condições, do modo de contrahil-o, e dos direitos e das obrigações dos conjuges. Aquelle que se refere ao pães e aos filhos, trata tambem dos reciprocos direitos e das obrigações reciprocas.

O direito particular da sociedade civil expõe a natureza e a origem della. Dahi tres partes, do *senhorio*, do *governo*, e da *burguezia*, determinando os direitos e as obrigações de cada um. Em fim o direito externo, ou commum á toda Sociedade, ou particular á cada uma dellas, é a applicação do direito individual, considerando-se as sociedades como outros tantos individuos.— Doutrina dos meios.

ASCETICA

A ascetica não póde constituir uma sciencia separada da Ethica; os meios e os auxilios para a virtude são materia de obrigação para o homem.

PHILOSOPHIA DA PEDAGOGIA

Esta sciencia comprehende muitos tratados; 1.º o tratado da educação de si mesmo; 2.º da educação domestica; 3.º da educação ecclesiastica; 4.º da educação civil; 5.º da educação magistral, etc. Precede porém á todos estes tratados o da educação providen-

cial, pelo qual Deus, ordenando e dispondo os acontecimentos, educou e educa o genero humano, e os mesmos individuos. Cada um destes tratados divide-se em tres partes, podendo o homem receber a educação moral, intellectual, e physica. Mas a educação do individuo humano deve ter uma perfeita unidade. E' um grande erro o pensar que a educação physica, intellectual, e moral sejão tres cousas separadas e independentes. Portanto a primeira regra da arte pedagogica é a da *unidade*. Um é o Bem á que deve tender a Educação como á seu fim, o Bem-Moral. Portanto tudo que o educador pratica, todos os meios que emprega na educação, devem constantemente e com inteira coherencia, como principio indeclinavel, apontar-se e dirigir-se para este fim.

ECONOMIA

A Economia trata do governo da Familia; indica a constituição della, e as leis reaes do seu movimento; leis que devem deduzir-se da sua natural constituição. Uma destas leis é o principio seguinte: " Deve haver equilibrio entre o numero das pessoas que compõe a familia, e os seus meios de sustentação. " Em seguida expõe a arte de governal-a. O pae de familia é o chefe desta primeira sociedade natural. Deve portanto estender as suas vistas para fóra da esphera da familia; formando taes individuos que conservem a concordia e a harmonia com as outras sociedades domesticas, com a sociedade theocratica e com a sociedade civil. Uma das enfermidades desta sociedade é o *egoismo familiar*; a doença opposta é o *individualismo*.

A Philosophia manifesta os caracteres destas enfermidades e seus varios symptomas, e ensina o modo de preserval-a ou cural-a.

PHILOSOPHIA DA POLITICA

A Politica é a sciencia da arte do governo civil. Devem-se distinguir as sciencias politicas particulares da Philosophia da Politica. Aquellas tratão de um elemento, ou de um dos meios com que se governa a sociedade civil; mas esta investiga as razões ultimas da arte, que são propriamente os *criterios politicos*, isto é, aquellas regras supremas que ensinão a apreciar os meios, de que se serve o homem de estado no governo da sociedade civil. Da essencia da sociedade civil considerada como um todo individuo, que deve ser dirigido para o seu fim, derivão quatro classes de criterios.

1.º Da consideração do *termo* á que deve dirigir se a sociedade *civil*, a philosophia da politica aponta a *prosperidade publica* que resulta da *justiça* e da *concordia* dos cidadãos. Portanto os criterios que se tirão do fim são dous: 1.º manter e consolidar aquella força predominante em que se apoia a existencia da sociedade, isto é, ter cuidado da substancia da sociedade civil e deixar os accidentes; 2.º o governo deve cuidar, que os cidadãos alcancem a prosperidade temporal na moralidade, de que somente ficão satisfeitos os homens, e assim estão tranquillos e concordes.

2.º Da consideração da *natureza* do corpo social a philosophia da politica deduz esta regra " aquella politica que approxima a sociedade civil á sua constituição natural e regular é bôa, aquella que a desvia é má. " A natural constituição da sociedade civil resulta de alguns equilibrios, que são os seguintes: equilibrio entre a povoação e a riqueza; equilibrio entre a riqueza e o poder civil; equilibrio entre o poder civil e a força material; equilibrio

entre o poder civil e militar; equilibrio entre a sciencia e a virtude. Os criterios politicos, desta classe se resumem nesta formula: " todos os meios politicos que approximão a sociedade civil aos cinco equilibrios acima expostos, são bons; aquelles que a desvião são máos".

3.º Na consideração das *leis do movimento*, a philosophia da politica pondera na historia as leis conforme as quaes se movem as sociedades civis. Por isso os criterios politicos se reduzem a esta formula. " Os meios politicos que harmonizão com as leis do movimento natural das sociedades civis são bons, os outros como contrarios á natureza, são maus. "

4.º Na consideração das forças aptas para dar movimento, a philosophia da politica aquilata as forças que impellem a sociedade civil para o seu fim. Esta avaliação exige muita sagacidade e uma grande potencia de abstração, porque existem forças *directas* e *indirectas*, e estas ultima sescapão á attenção, e são aquellas que produzem maiores effeitos. Os relativos criterios politicos se resumem nessa formula " os meios politicos que com menor despeza e com menor acção alcanção um effeito maior de bem social, são os melhores". Descobertos deste modo os summos criterios politicos, que são as razões ultimas desta'arte, e constituem a *Philosophia Civil*, resta applical-os, isto é, avaliar com elles todos os meios politicos que subministrão as sciencias particulares politicas, indagação que conduz á este resultado.

" A Religião, e propriamente o Catholicismo, é o meio politico de maior valor, aquelle que regula e harmoniza todos os outros. "

COSMOPOLITICA

Esta sciencia é a theoria do governo da sociedade theocratica, como aquella da qual somente póde vir a unidade do genero humano, e a sua organização completa.

A Philosophia adianta todas estas investigações até que a mente humana acha a sua plena satisfação e o seu repouso, quando ella descobrio as razões ultimas, a que póde chegar, e está persuadida, da evidencia que são em verdade as ultimas razões. Ora estas razões ultimas logo que forem achadas, satisfazem ás supremas necessidades da alma humana.

E tal é o fructo da Philosophia. Se o *fim* da Philosophia é achar socego e descanço á curiosidade da mente, o seu *fructo* mais precioso ainda é segurar o espirito humano da possibilidade que elle chegue ao complemento de todos os seus desejos, e tirar-lhe acerca disto toda a duvida, e apontar-lhe o caminho acertado pelo qual chegue ao cume a que tende. Esta via o conduz á Deus, á quem o consumado philosopho se entrega para ser doutrinado como discipulo e aperfeiçoado como creatura.

Tal é o fim da Philosophia, tal o seu fructo. Mas se em lugar de considerar a *sciencia*, se quer considerar a *Escola da Philosophia*, neste caso ella se torna verdadeira *Pedagogia do Espirito humano*, conduz a mente esclarecida para a Sciencia mais completa da Verdade, e o coração virtuoso para a posse do Bem mais completo, a Felicidade.

Depois da leitura reflectida e imparcial do Systema Rosminiano é necessario confessar que entre os pensadores, que assumirão o empenho de restaurar a sciencia philosophica, Rosmini tem o primeiro lugar. Elle resplendece, diz Liberatore, entre um grupo de menores estrellas, quer por abundancia de erudição, quer por amplidão de pensamentos, quer por agudez de analyse. O seu Systema ergue-se como um monumento não perecedouro da sublimidade do seu engenho, e lhe garante perpetua nomeada, como contemplador solerte e esclarecido da Verdade.

Observa porém Leopardi que não póde qualquer constituir-se juiz nas sciencias philosophicas, mas aquelles somente que tiverem recebido natureza idonea, e aperfeiçoada com aturado estudo.

Com effeito, diz o grande Philosopho: como os homens de natureza não poetica, ainda que bem entendão as palavras e o sentido, não recebem porém os movimentos e as imagens dos poemas; assim aquelles que não estão acostumados a philosophar e reflectir comsigo mesmo, por mais que sejão acertados os discursos do philosopho, entendem as palavras, mas não as verdades dos seus raciocinios.

Nem isto é de admirar, visto que não tendo a faculdade e o habito de penetrar com o pensamento no amago das cousas, nem de decompor e analysar as proprias ideas, nem de contemplar com a mente, em um relance de vista, muitas particularidades para poder destas deduzir um conceito geral, ou seguir sem descanço, com o olho do intellecto, uma

longa serie de verdades entre si colligadas, nem descobrir os subtis e reconditos vinculos que cada uma tem com as outras, não podem com facilidade, ou de maneira alguma imitar, ou repetir com a mente propria as operações feitas, nem sentir as impressões que o philosopho teve por ellas.

A unica maneira portanto para ver, para aprender, e aquilatar convenientemente todas as cousas, que induzirão o dito philosopho a fazer este ou aquelle juizo, affirmar ou negar esta ou aquella cousa, duvidar de tal ou tal outra, faz-se mister achar-se habilitado ás operações sobre-expressas.

E' sabido que é commum ao poeta e ao philosopho penetrar nos recessos do animo humano, esclarecer as suas intimas qualidades e variedades, os andamentos, os motos, os acontecimentos occultos, as causas, os effeitos de uns e de outros ; nas quaes pesquizas aquelles que não são aptos para sentir em si a correspondencia dos pensamentos poeticos, não sabem tambem e não conhecem a dos philosophos.

Do que se segue que o Systema Rosminiano igualmente á alguns parece conter mil manifestos erros, á outros mil verdades evidentissimas. Por isso os primeiros o impugnão publica e privadamente, não somente por malignidade e interesse, mas tambem por imbecillidade da mente e incapacidade de comprehender o seu principio e a rectidão de suas deducções e conclusões, em summa a conveniencia e a efficacia de seus discursos, todos conformes com a mente de S. Thomaz de Aquino.

A novidade e profundidade das doutrinas contidas no Systema Rosminiano, por um lado, tornão difficil a comprehensão e o seu alcance, por outro lado, ninguem se esmera em exercer-se nos campos da philosophica reflexão, que foi sempre exclusiva

tarefa daquelles que anhelando a posse da sabedoria mereceräo o nome de philosophos; pelo contrario se quer facilidade em tudo, e que seja accessivel aos sentidos; além do mundo material se julga que nada ha que mereça a nossa attenção.

Quanta difficuldade para fazer triumphar uma Theoria de reconhecido merecimento, e a mais adequada para expor as doutrinas do angelico Doutor!

Deixo de fallar das emulações, das invejas e criticas crueis, nem lembrarei os manejos occultos e outros obstaculos que as paixões costumão oppor.

Colpa e vergogna delle umane voglie
Dante — Parad. C. I.

E porque tudo isto? Porque um Homem com a sua meditação, nas obras dos melhores philosophos da antiguidade, de S. Thomaz de Aquino, de S. Boaventura e de Vico, com a agudez do seu engenho metaphysico descobrio uma luminosa Verdade, não já nova, mas muito além da esperança commum, muito diversa, antes opposta á de outros philosophos.

A historia mostra que nenhuma verdade em principio é alheia de opposição, e faz-se mister que o tempo e o costume se associe á crença. As verdades repetidas pouco a pouco se acostumão antes ao ouvido, depois ao intellecto, e geralmente os homens se guião mais por habito do que por força de provas concebidas e desenvolvidas no animo.

Acontece tambem, e a historia o mostra, que aquella verdade que a principio teve tantas opposições, afinal não somente foi aceita e louvada, mas ainda é notada com admiração a ignorancia da mesma; e são objecto de escarneo as sentenças contrarias. E isto acontece com tanta maior difficuldade e tempo, quanto maiores e mais salientes são estas verdades incriveis e derribão edificios mais ostensivamente bellos e de

época remota, e contrarião opiniões inveteradas e consideradas primores de sciencia.

Se o espirito humano desde a restauração da civilisação e da sciencia se adianta tardia e compassadamente, comtudo ha sempre Alguem que especula com maior energia procurando a Verdade, e nesta pesquiza não somente appressa-se com celeridade, mas corre e vôa. Entre outros em Philosophia sobresahem S. Thomaz de Aquino, Vico e Rosmini; esta precocidade porém é de grande obstaculo para uma apreciação prompta e adequada.

Rosmini com um exame intenso, resoluto e insistente appellou para a observação conscienciosa dos sabios acerca do estado da Philosophia; e fez mui delicadamente este ensaio sem culpar a ninguem; porque quando aos talentos está unida a rectidão, o genio e a razão dos summos engenhos não são culpados, e os extravios são mais proprios dos tempos que da vontade.

Este sabio com aquelle pudor philosophico e com aquella constante dignidade quasi de propheta, derivada de uma inspiração que escuta á si mesma, por estudos silenciosos e intimos, pela vida modesta, por abnegações espontaneas, pela harmonia suave e fecunda da caridade christã, prestou á sciencia philosophica um immenso serviço.

Com Metaphysica transcendental examina e discute cada idea, cada juizo, cada raciocinio, persuadido de que a sua Theoria ha de ser o oraculo dos estudos philosophicos; e se sente responsavel das consequencias quese pudessem deduzir do seu Systema na exposição das doutrinas philosophicas conforme a mente de S. Thomaz de Aquino.

A luz da sua Theoria se tornou calor de todos que nella estudarão. Com effeito os campeões deste Systema

augmentarão-se na luta de opposição, que desde largos annos persevera incansavel, sem porém ganhar uma linha de terreno, e a Theoria Rosminiana ainda mais se fortalece, como diz Dante

" Nel vero in che si quieta ogni intelletto. "

Este philosopho athleta com logica irresistivel derriba todos os systemas de todos os seus predecessores e contemporaneos que directamente tratarão o problema ideologico, e que em fixar a origem das ideas não alcançarão o verdadeiro elemento, e errarão ou por excesso, ou por defeito, ou delle não se importarão, e o julgarão desnecessario.

Este systema examinado sem prejuizos ou espirito de partido, despertou a admiração e o estudo dos engenhos mais nobres; e á elle está obrigada a sciencia philosophica pelo novo movimento impresso ao pensamento para abater o sophisma e fazer triumphar a Verdade.

A historia e a nossa mesma experiencia nos avisa do estado lastimavel da sciencia philosophica, que bem se póde dizer com o Cantor de Laura:

" Povera e nuda vai Filosofia. "

Ou repetir o chiste de Thommaséo; " Pythagoras vestiu a philosophia de pennas para vôar nos ares; Platão philosophou com poeticos hymnos; Aristoteles tornou a philosophia implume; e os modernos a fizerão quadrupede. "

Com effeito a philosophia em alguns é essencialmente falsa, porque falsas são as ideas, incertas, exageradas, contradictorias e defectivas, quer da religião, quer da sociedade, dos deveres e das esperanças, da vida e da morte, dos bens e dos males. Em outros se a theoria que seguem na exposição da philosophia não é falsa, comtudo não tem aquella primeira e ultima razão, que se foi uma grande des-

ventura não ter conhecido antes, agora para entender o Aquinate não se deve della prescindir.

Concluo esta primeira parte chamando a attenção dos Paes de Familia, dos Sabios e das Autoridades competentes para um detido exame desta Theoria, e reconhecidos os seus verdadeiros merecimentos e a sua necessidade, seja adoptada para o ensino da Philosophia conforme a mente de S. Thomaz de Aquino, afim de que alcance aquelles triumphos scientificos e sociaes, de que é capaz por ser admiravelmente fecunda.

APPENDICE

Julgo necessario transcrever alguns trechos da Encyclica de Leão XIII para saber o que se entende por *Philosophia conforme a Mente de S. Thomaz de Aquino*, e conhecer a razão e o merecimento do *Principio e do Systema de Rosmini* para expol-a.

Diz o sabio Pontifice:

" S. Thomaz de Aquino riquissimo de sciencia divina e humana foi como um sol que aqueceu o mundo com o calor das suas virtudes, e o encheu de esplendor de sua doutrina. Não ha parte da Philosophia que Elle não tratasse subtil e solidamente. Disputou de tal modo acerca de Deus e das substancias incorporeas, do homem e das outras cousas sensiveis, dos actos humanos, e dos seus principios, que não póde desejar-se mais copiosa messe de questões, nem conveniente disposição de partes, nem optimo methodo de proceder, nem solidez de principios, ou força de argumentos, nem clareza e propriedade de palavras, nem facilidade de explicar qualquer materia abstrusa... Especulou as conclusões philosophicas nas intimas razões das cousas e nos principios universalissimos que no seu seio encerram o germen de verdades quasi infinitas, as quaes devião a seu tempo ser fecundadas com abundantissimo fructo pelos mestres que se havião de seguir ... Além disso distinguio excellentemente, como convem, a razão da fé ; mas unindo-as em amigavel alliança, de ambas conservou illesos os direitos e intacta a dignidade, de modo que a razão

levada sobre as azas de S. Thomaz ao vertice de sua grandeza, quasi não póde subir mais alto ; e a fé difficilmente póde esperar da razão auxilios maiores e mais valiosos dos que conseguio por obra de S. Thomaz . . . e conclue o elogio da philosophia de S. Thomaz com as palavras de Innocencio VI que diz de S. Thomaz — a sua doutrina possue de tal modo, sobre todas as outras, exceptuando a canonica, a propriedade das palavras, a fórma da phrase, a verdade das sentenças, que nunca succedeu que se apartassem da verdade os que a tem professado, e forão suspeitos em ponto de verdade os que têm impugnado . . . Extranha pois : que em lugar da antiga philosophia adoptou-se aqui e alli um novo systema de philosophia, do qual não se colherão aquelles fructos preciosos e salutares que a Igreja e a mesma Sociedade civil terião mais depressa desejado. Na verdade pelos esforços dos novadores do seculo XVI se introduzio o gosto de philosophar sem alguma consideração pela fé, reclamando-se e dando-se mutuamente a faculdade de excogitar tudo aquillo que cada um desejasse ou entendesse. D'aqui resultou, como era natural, que se multiplicarão mais do que era conveniente os systemas de philosophia, e surgirão opiniões diversas e contrarias entre si, até sobre aquellas cousas que são de primeira ordem nos conhecimentos humanos. Da multiplicidade das sentenças se passou muitas vezes á incerteza e as duvidas . . . E como os homens são filhos da imitação, tambem o animo dos philosophos catholicos pareceu em alguma parte invadido pelo desejo da novidade ; pelo que postergando o patrimonio da antiga sabedoria, antes quizerão tentar cousas novas do que augmentar e aperfeiçoar as antigas, que foi certamente um conselho pouco prudente e não sem prejuizo das sciencias. Porquanto esta multiplice fórma de doutrina fundando-se na autoridade e arbitrio dos varios mestres tem uma base mudavel, e por isso não con-

stitue uma philosophia certa, estavel, e robusta, como a antiga, mas leve e vacillante... Dizendo isto não desapprovamos certamente aquelles homens doutos e solertes que applicão o seu trabalho e erudição, e as riquezas das novas descobertas ao estudo da philosophia ; pois bem sabemos, que isto concorre para o incremento da sciencia ; deve ter-se porém o maior cuidado em evitar que em tal trabalho se empregue todo o exercicio ou a maior parte delle... Foi pois com optimo parecer que não poucos cultores das sciencias philosophicas, tendo-se recentemente applicado á restaurár com proveito a philosophia, procurarão e procurão restabelecer e restituir ao primitivo esplendor a preclara doutrina de S. Thomaz de Aquino... Emquanto altamente os louvamos e os exhortamos a perseverar na resolução tomada, fazemos ver a todos os outros e a cada um de per si, que a cousa para nós mais grata e desejavel é que offereção copiosa e largamente á toda a juventude estudiosa as aguas das purissimas ribeiras de sabedoria que em perenne e abundantissima veia emanão do Doutor Angelico. Muitas são porém as razões que nos levão a querer isto, antes de tudo, sendo costume nesses nossos tempos guerrear a fé christã com machinações e com a astucia de uma sciencia fallaz, é necessario que todos os mancebos... sejão alimentados com uma doutrina substanciosa e robusta, para que fortes e bem munidos de arma, cêdo se acostumem a defender valorosa e sabiamente a causa da religião... Além disto muitos daquelles, que apartando-se da fé, odeião os ensinos catholicos declarão que não tem outro mestre e guia senão a razão. Para salvar estes e reconcilial-os com a fé catholica, julgamos que depois do auxilio sobrenatural de Deus nada seja mais opportuno do que a solida doutrina de S. Thomaz... A mesma sociedade domestica e civil, a qual todos vemos em quanto perigo se encontra por causa da peste das perversas doutrinas

estaria certamente muito mais tranquilla e segura, se nas Academias e Escolas se ensinasse uma doutrina mais sã e mais conforme ao magisterio da Igreja, como a que se contém nos volumes de S. Thomaz de Aquino. Finalmente todas as disciplinas humanas devem conceber esperança de adiantamento e grandissimo auxilio desta restauração da Philosophia que emprendemos. Porquanto as bôas-artes costumão sempre receber da philosophia, como da sciencia reguladora de todas, a sã razão e recta direcção, e della, como da fonte universal da vida, tirar o espirito que as anima. O facto e a constante experiencia prova que as artes liberaes florecerão maximamente quando se manteve incolume a honra e recta direcção da philosophia ; e jazerão desprezadas e quasi esquecidas, quando ella decahio, e foi envolvida em erros e inepcias... Nós pois emquanto declaramos que deve aceitar-se de bôa mente e grato animo tudo aquillo que sabiamente tem sido dito, e por quem quer utilmente inventado e excogitado ; vos exhortamos a todos vivamente... a restabelecer e propagar o mais largamente possivel a doutrina de S. Thomaz para amparo e honra da fé catholica, para bem da sociedade e incremento de todas as sciencias.... "

E tanto basta para saber, o que se entende por — *Philosophia conforme á Mente de S. Thomaz de Aquino.* —

E como adverte o mesmo Leão XIII " para que não se tome a falsa pela verdadeira, nem a corrupta pela genuina, provêde que a *doutrina de S. Thomaz* seja tirada das suas mesmas fontes, ou ao menos daquellas veias, que sahidas da mesma fonte, correm ainda puras conforme o juizo seguro e concorde dos doutos. "

Depois de tudo isto deve-se saber e póde-se affirmar com segurança que Antonio Rosmini é o Philosopho, quer pela pratica da virtude, quer pela

perspicacia do engenho, que mais se parece com S. Thomaz de Aquino.

Elle com o Principio Supremo Philosophico, a Verdade e seu Systema vio e alcançou as ultimas e sublimes conclusões da mente angelica de S. Thomaz. Expondo a doutrina do Santo Doutor com o seu Systema, estando já de posse do saber da antiga e média idade, examinou a moderna, descobrio e refutou todos os erros do sensualismo e do idealismo transcendental com uma metaphysica apurada e com uma dialectica irresistivel, o que pôde alcançar, porque desde a primeira idade até o ultimo anhelito da vida bebeu a pura doutrina philosophica no manancial inexgotavel de S. Thomaz de Aquino que

" Sillogizò invidiosi veri "

Dante — INF. C. X.

e a interpretou com o Systema da Verdade em harmonia com a Sciencia e com a Religião, como veremos nas duas partes seguintes desta acanhada exposição.

